



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE EDUCAÇÃO

NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA E ESTUDOS EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL

DIAGNÓSTICO DO ESTADO DA ARTE DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

RELATÓRIO FINAL

VITÓRIA
2007

DIAGNÓSTICO DO ESTADO DA ARTE DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

🌿 GRUPO DE PESQUISA:

- COORDENAÇÃO: Prof. Dr. Martha Tristão
- Ana Braga de Lacerda e Roberta Cordeiro Fassarella_(Mestres em Educação (PPGE/UFES)
- Andressa Lemos Fernandes, Flávia Nascimento Ribeiro, Maria da Penha Martins Oliveira (Penny) e Marilene Lúcia Meriguete (Mestrandas em Educação (PPGE/UFES)
- Estagiárias do NIPEEA: Juliana Miranda Ferreira e Mariana Benine Bechara (Graduandas de Ciências Biológicas)

🌿 ASSESSORIA DE ANÁLISE DE DADOS QUANTITATIVOS:

- Prof. Jaime Roy Doxsey e Carla Rocha Souza (UFES)

🌿 APOIO: ARCELOR-MITTAL TUBARÃO

🌿 PARCEIROS:

Consórcio do Caparaó; IBAMA (NEA); Museu de Biologia Mello Leitão; Prefeitura Municipal de São Mateus; Secretaria da Educação (SEDU); Superintendências Regionais de Educação (Guaçuí, Linhares, São Mateus, Vitória, Nova Venécia); Secretaria da Educação de Cariacica; Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEAMA) / Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) Gerência de Educação Ambiental; Universidade Federal do Espírito Santo.

🌿 REVISÃO: Alina da Silva Bonella

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	4
2 A TESSITURA DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA	8
2.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICO-FILOSÓFICAS	12
2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UMA DIDÁTICA DA “BRICOLAGE”	13
3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS	17
3.1 UMA INTERPRETAÇÃO PANORÂMICA DAS REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA GRANDE VITÓRIA	17
3.2 PONTOS MACRORREGIONAIS: OS PRÉ-ENCONTROS E UMA ANÁLISE QUANTITATIVA NOS MUNICÍPIOS PÓLOS	25
3.2.1 Macrorregião	25
3.2.2 Microrregião	26
3.2.3 Região de atuação	27
3.2.4 Tempo de atuação	29
3.2.5 Formação do(a) entrevistado(a)	30
3.2.5.1 Formação por área	31
3.2.6 Pós-Graduação	33
3.2.7 Tema ou área de conhecimento em Educação Ambiental	34
3.2.8 Demandas de Educação Ambiental	35
3.2.9 Estratégias em Educação Ambiental	36
3.3 TECENDO COMENTÁRIOS E ENTENDENDO AS NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CENÁRIO CAPIXABA: ENTREVISTAS COLETIVAS	37
3.3.1 Motivação e envolvimento com a Educação Ambiental	39
3.3.2 Ações em Educação Ambiental	45
3.3.3 Referências em Educação Ambiental	55
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
5 REFERÊNCIAS	63
6 ANEXOS	

1 APRESENTAÇÃO

Contrapondo-se ao paradigma hegemônico, que é marcado pela fragmentação, competitividade e controle, surge a possibilidade da **organização social em rede**,¹ cujo foco no interesse coletivo, na participação democrática e nas relações horizontais, vem fortalecer o protagonismo dos movimentos sociais em suas diversas manifestações, em escolas, bairros, atividades profissionais e nos mais diversos espaços coletivos.

Em sintonia com esse contexto social em que vivemos, emerge a **Rede Capixaba de Educação Ambiental (RECEA)**, rearticulada em 2003, após um período de retração desde 1993.

A proposta da RECEA Ambiental é: possibilitar a participação dos educadores/as ambientais nas políticas públicas; promover encontros e eventos; fomentar o intercâmbio de informações relativas à Educação Ambiental (EA); incentivar a troca de experiências, a participação em eventos e outras atividades; e oferecer apoio mútuo entre os profissionais e instituições governamentais e não-governamentais ou outras organizações comprometidas com a Educação Ambiental.

Assim, um dos principais objetivos da RECEA Ambiental é promover um mapeamento das iniciativas de Educação Ambiental, identificando questões prioritárias, métodos, técnicas, público-alvo, áreas de atuação de educadores/as ambientais e cooperar com a construção de políticas públicas para o fortalecimento da Educação Ambiental no Espírito Santo.

Tendo em vista esses objetivos, foi elaborada a proposta de fortalecimento da RECEA Ambiental, como um projeto de extensão da Universidade Federal do

¹ Existem diversos modelos de redes, mas um de seus fundamentos básicos é a conexão entre as pessoas, instituições e seus projetos. A organização em rede é muito mais do que simplesmente trocar informações. Estar e atuar em rede significa o comprometimento na realização de ações coletivas, da criação de espaços coletivos, da atuação de forma aberta e flexível (TRISTÃO, 2006).

Espírito Santo (UFES), que previa a realização do **III Encontro Estadual de Educação Ambiental e I Encontro da RECEA Ambiental**, realizado em 2004. Na ocasião desse evento, em setembro de 2004, foram respondidos 198 questionários pelos participantes, dando início ao diagnóstico sobre a situação da Educação Ambiental no Estado, prevendo-se, a partir de então, a realização bienal de encontros regionais e estaduais.²

Após o III Encontro, num movimento auto-organizativo, que teve por finalidade integrar e ampliar os projetos de pesquisa em andamento na UFES, foi constituído um Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) que, posteriormente, recebeu o apoio institucional com a criação, do **Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental e Ensino de Ciências Naturais (NIPEEA)**.

A criação do NIPEEA Ambiental, no final de 2005, impulsionou o projeto de fortalecimento da Rede Capixaba de Educação Ambiental, possibilitando a ampliação do **diagnóstico sobre O Estado da Arte da Educação Ambiental no Espírito Santo**. Sendo assim, no ano de 2006, os resultados já sistematizados em 2004 foram validados e reformulados para a ampliação da base de dados.

A intenção da realização e continuidade da pesquisa diagnóstica ³ possibilita maior visibilidade das iniciativas de Educação Ambiental no Espírito Santo, favorecendo a integração entre educadores e educadoras ambientais, na difusão e no desenvolvimento de teorias, metodologias e práticas nessa área, tendo em vista a reflexão, a participação e a busca coletiva pela sustentabilidade socioambiental. Portanto o estudo surge da necessidade de se promover um mapeamento das iniciativas de Educação Ambiental no Estado.

Dentre os objetivos do diagnóstico, destaca-se a identificação do perfil dos educadores/as que promovem a Educação Ambiental no Espírito Santo, ou seja,

² A centralização das discussões e decisões na Região Metropolitana foi apontada como uma dificuldade para o fortalecimento da Educação Ambiental, e o GT de Políticas Públicas sugere como solução a descentralização das reuniões com encontros regionais e estaduais bienais em anos alternados (LACERDA; GONZALEZ, 2004, p. 94).

³ A pesquisa está registrada na Pró-Reitoria de Pesquisa de Pós-Graduação (PRPPG) da UFES com o número de registro 037/2006.

quais são os especialistas, pesquisadores, educadores ambientais, professores e gestores que desenvolvem atividades (programas/projetos/cursos, etc.) em Educação Ambiental nos seus contextos de atuação, seus principais temas, estratégias de ação, potencialidades, desafios e em que instituições atuam. O cadastro de instituições, atividade e projetos de Educação Ambiental em execução no Estado também é um dos objetivos propostos.

A área de abrangência do que se apresenta em 2006 se deu conforme as quatro macrorregiões do Estado do Espírito Santo (Norte, Sul, Noroeste, Metropolitana – ver mapa), com a realização de seis pré-encontros, no período de março a setembro de 2006. Por se tratar de um diagnóstico realizado por região, consideramos as delimitações geográficas a partir do mapa da macrorregiões do Espírito Santo, na tentativa de abranger todo o Estado.

A promoção dos seis encontros, denominados pré-encontros, em função da realização do IV Encontro Estadual, realizado na UFES, em novembro de 2006, permitiu a ampliação da RECEA Ambiental por meio da criação de elos articuladores no interior, da formação dos participantes sobre a organização social em rede, da realização da pesquisa diagnóstica com a aplicação de 368 questionários e da realização de entrevistas coletivas com os participantes que puderam permanecer após a reunião. Assim, a tríade ensino, pesquisa e extensão proposta pela universidade fez parte de toda a ação.

Além disso, esse diagnóstico insere-se no movimento da Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA), que foi responsável pelo projeto *Tecendo Redes em Educação Ambiental no Brasil*, estimulando a organização das redes estaduais e a realização de diagnóstico locais e regionais. Os dados, como de outras redes, servirão, também, para alimentar o banco de dados do Sistema Brasileiro de Educação Ambiental (SIBEA) do Ministério do Meio Ambiente, para promover visibilidade e socialização das ações em Educação Ambiental no cenário local e nacional.

Esses dados podem ser considerados, em sua relevância, para a realização de estudos e de ações, como contribuição para a elaboração de diretrizes das Secretarias de Estado, para a realização de políticas e produção de material

educativo, confirmando ser fundamental a obtenção de dados para planejamento de intervenções e de monitoramento contínuo de interesse socioambiental local. Assim, uma vez que se pretende fazer uma análise quantiquantitativa da Educação Ambiental, almeja-se contribuir com a elaboração de diretrizes para a Política Estadual de Educação Ambiental do Espírito Santo.

Por fim, as informações coletadas nesta pesquisa são uma tentativa de representar, de forma sistematizada e coordenada, uma interpretação da situação da Educação Ambiental, na perspectiva de educadores e educadoras, que pode ser considerada o início de um desenho sobre o estado da arte da Educação Ambiental no Estado do Espírito Santo.

2 A TESSITURA DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

A descentralização, participação, interatividade, mobilização, articulação, compartilhamento de informações, visibilidade da diversidade de princípios e de práticas da Educação Ambiental são nossos pressupostos teóricos e metodológicos. Quanto ao tipo de pesquisa, o diagnóstico em si aproxima-se da pesquisa de caráter exploratório com abordagens da pesquisa participante.

Nessa *tessitura*⁴ metodológica, podemos dizer que foram considerados alguns pressupostos da pesquisa participante como alternativa epistemológica das quais pesquisadores e pesquisados seriam sujeitos ativos e colaboradores, na aplicação dos questionários conforme sua área de atuação. Foi realizado de forma descentralizada, envolvendo esses sujeitos praticantes locais que o aplicaram e discutiram nas suas bases, visando a ampliar o efeito de capilaridade e de representatividade qualitativa do diagnóstico. Nos pré-encontros, momento de “aplicação” do questionário como principal instrumento da pesquisa, também foi priorizada a formação de sujeitos, educadores/as, professores/as, a formação de grupos, a narração de histórias a partir do lugar de atuação num movimento de recursividade com outros espaços/tempos das práticas de Educação Ambiental.

A metodologia foi planejada e tecida durante as várias reuniões realizadas pela equipe do projeto. A primeira reunião foi no município de São Mateus e funcionou como um laboratório de experiências, servindo de base para o replanejamento e redefinição de estratégias das próximas reuniões. A equipe decidiu que a variabilidade de métodos poderia permitir uma aproximação com a realidade pesquisada e um aprofundamento dos dados coletados.

Assim, foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos de investigação, remetendo-se o primeiro à coleta informal de dados institucionais e de entrevistas grupais com educadores/as nos encontros realizados em locais que denominamos Municípios Pólos das macrorregiões do Estado; e, de forma quantitativa, foram aplicados questionários aos participantes dos encontros, em sua maioria presentes

⁴ É uma expressão usada pelo grupo de pesquisa no/do/com o cotidiano e traz a idéia do que é produzido em conjunto de forma inter-relacionada, ou seja, o que é realizado junto.

às reuniões e alguns envolvidos em suas bases de atuação por participantes das reuniões e colaboradores da pesquisa.

Para a abrangência do Estado do Espírito Santo num alcance mais probabilístico de seu território, foram consideradas áreas devido à sua localização e situação geográfica correspondente à divisão político-administrativa das cinco macrorregiões estaduais, convencionadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essas localidades, além de selecionadas por suas posições estratégicas, indicam que são potenciais focos de atividades de interesse para a Educação Ambiental no Estado. As macrorregiões e os respectivos municípios consultados foram os seguintes (Quadro 1).

Data	Local
	NORTE
25-5-2007	São Mateus
26-5-2007	Linhares (METRÓPOLE EXPANDIDA NORTE)
	NOROESTE II
23-6-2007	Nova Venécia
	METROPOLITANA
25-8-2007	Cariacica
28-6-2007	Santa Tereza
	SUL (REGIÃO DO CAPARAÓ)
10-8-2007	Guaçuí

QUADRO 1 – MUNICÍPIOS PÓLOS DOS PRÉ-ENCONTROS

Na área focada nos seis diferentes municípios já referidos, o diagnóstico foi um pouco mais específico, tendo em vista que a maioria dos entrevistados se encontrava em seu local de origem e, portanto, denotava também perceber elementos fundamentais da dinâmica social e da organização da Educação Ambiental ali presentes, ou seja, as diversidades entre municípios e regiões que no se refere à capacidade de articulação, mobilização e envolvimento das lideranças e instituições locais.

Macrorregiões do Espírito Santo:

Divisão Regional do Espírito Santo
Macrorregiões de Planejamento
Lei 5.120 de 01/12/95

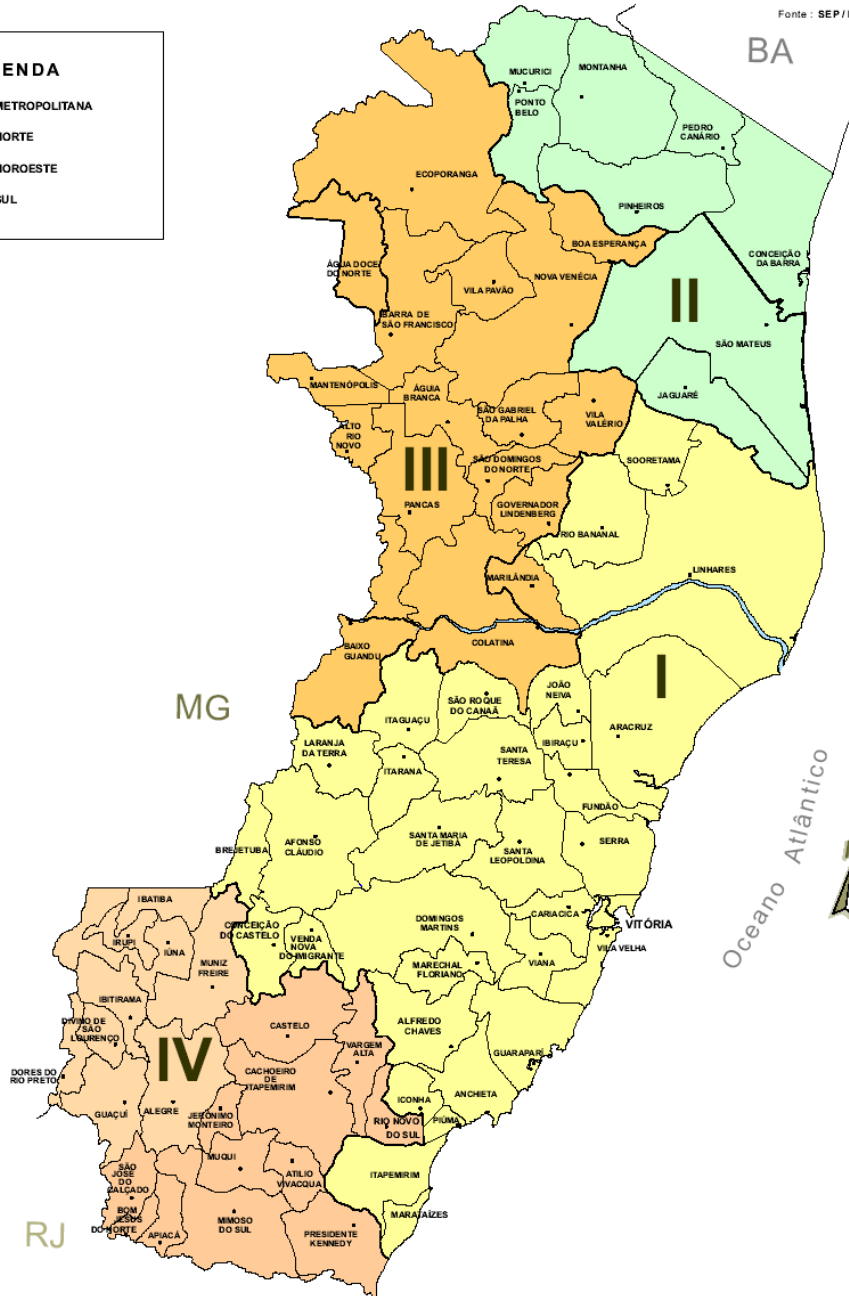


Elaboração:
Instituto Jones dos Santos Neves

Fonte: SEP/IJSN

LEGENDA

- METROPOLITANA
- NORTE
- NOROESTE
- SUL



Mapa 1 – Macrorregião Administrativa
Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves

Além dessas macroáreas, e para efeito de uma melhor identificação dos espaços “ocupados” pela Educação Ambiental no Espírito Santo, optamos também por realizar uma análise de evidência das microrregiões estaduais, conforme mapa a seguir:

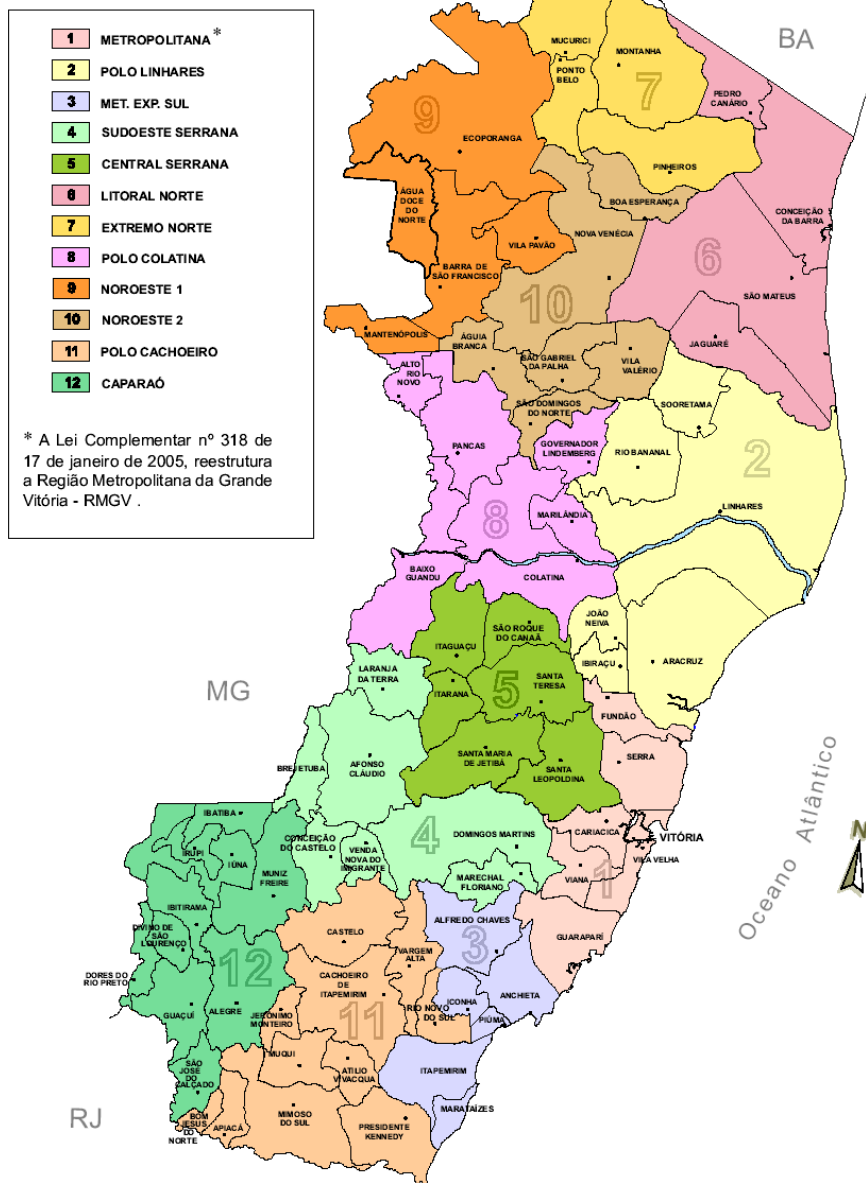
Divisão Regional do Espírito Santo

Microrregiões de Planejamento

Lei 5.120 de 30/11/95 (DOE 01/12/95) alterada pelas leis:
 Lei nº 5.469 de 22/09/97 (DOE 23/09/97), Lei 5.849 de 17/05/99 (DOE 18/05/99)
 e Lei nº 7.721 (DOE 14/01/04).



Fonte: SEP/USN



Mapa 2 – Microrregião Administrativa
 Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves

2.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICO-FILOSÓFICAS

A trama meio ambiente-sociedade-educação ambiental relaciona-se diretamente com o cotidiano e a historicidade das comunidades-sociedades e ecossistemas em geral, uma vez que envolve o processo de “ser estar” de um coletivo, sua relação com o meio ambiente e sua compreensão e participação na sustentabilidade local – elemento direto de transformação da realidade, basicamente no que diz respeito à sua qualidade de vida.

Dentro de uma perspectiva socioeducativa, o trabalho com comunidades e escolas e a dinâmica das ações de Educação Ambiental em uma determinada localidade envolve questões que se tornam, cada vez mais, complexas e conflituosas não só do ponto de vista ambiental, mas também das dimensões da vida em sociedade, de modo geral.

Essa complexidade está deflagrada na assertiva de que o ‘ambiental’ é público, e, portanto, mesmo no âmbito privado, as representações sociais de cada indivíduo, grupo ou corporação serão manifestadas ‘em relação’ umas com outras; interconectando sentidos, intencionalidades e simbologias diversas, tornando patente que uma posição teórico-metodológica não se dá fixa e isoladamente, mas num movimento em rede, impregnado de intersubjetividades e conjuntamente (FASSARELLA, 2005).

A realização dos seis pré-encontros para o diagnóstico demonstra que o funcionamento da rede é possível de acontecer, porque as pessoas e as instituições já possuem uma conexão e o acionamento da rede faz com que a estrutura tácita em rede na qual vivemos seja transformada nos encontros, efetivando-se em organização.

A RECEA emergiu nessa metodologia tecida nos encontros, nos movimentos que os antecederam e pelos grupos acionados que se identificam com um projeto comum, ou seja, o desenvolvimento e o engajamento da/na Educação Ambiental neste Estado. Como as redes não possuem uma estrutura estável, o seu funcionamento acontece nesses encontros presenciais ou de forma virtual porque redes são formas não institucionais de organização (MARTINHO, 2004).

Esse “movimento em rede” constitui, justamente, uma possibilidade de expansão de estudos e intervenções em Educação Ambiental, e isso pode demonstrar excelentes resultados no mapeamento da idéia de responsabilidade social – ou de sustentabilidade das comunidades locais; e, finalmente, encaminhar ações ancoradas em diferentes saberes e fazeres, conectando-as com a sociedade nas suas práticas cotidianas, até porque supõe não somente uma transposição de informações, o diagnóstico como “a verdade”, mas também o estabelecimento de um permanente canal de gestão ambiental compartilhada e participativa para constante melhoria das relações socioambientais.

Vale esclarecer que esse diagnóstico não se encerra aqui, pois, se possível, é conveniente uma constante atualização para que a complexidade do processo educacional-ambiental entenda as práticas cotidianas e sua dinâmica de transformação. Nesse sentido, visa a compreender as práticas, o perfil dos educadores/as e ampliar possibilidades para que outras ações estejam ancoradas em diferentes saberes e fazeres, conectados com as ações socioambientais e com uma dinâmica de rede já preexistente, ou seja, *de um permanente canal de gestão educacional-ambiental compartilhada e participativa*.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UMA DIDÁTICA DA “BRICOLAGE”⁵

Os seis pré-encontros realizados nas macrorregiões do Estado foi um exercício para fortalecer os laços ou nós da RECEA num movimento de contribuição e de cooperação entre Superintendências Regionais da SEDU, do IEMA, do IBAMA, do Museu de Biologia Melo Leitão, da Prefeitura de São Mateus, do CEUNES, do Consórcio do Parque do Caparaó, da Prefeitura Municipal de Cariacica, da Arcelor-Mittal Tubarão e de outros sujeitos engajados que mobilizaram outros agentes, sujeitos ativos e praticantes da Educação Ambiental para esses encontros, além da logística e da infra-estrutura.

⁵ A diversidade de instrumentos e de técnicas nos procedimentos aproxima-se da idéia de uma bricolagem, ou seja, são criações como um arranjo de velhos/novos elementos, já que outros ou novos universos nascem de seus fragmentos.

Os recursos de análise utilizados para o levantamento dos dados foram desde conversas informais com dirigentes das Secretarias de Educação e de Meio Ambiente dos municípios da Grande Vitória, a aplicação de 368 questionários com educadores/as e gestores nos pré-encontros realizados até a formação de grupos para a realização de entrevistas coletivas no final das reuniões.

A intenção foi compreender o perfil desses educadores nos dados quantitativos obtidos na aplicação dos questionários e a realizar as entrevistas coletivas para o aprofundamento das ações, atividades desenvolvidas sobre questões que podem ser consideradas foco do trabalho interativo e do material discursivo/expressivo desses participantes (GATTI, 2005). Tais procedimentos ocorreram em tempos complementares, antes-durante-após os encontros que se constituíram no “fio condutor” da tessitura da metodologia e desta análise da Educação Ambiental capixaba.

Além disso, a mobilização de diferentes pessoas e instituições para os pré-encontros favoreceu a compreensão de uma diversidade de práticas e de ações de Educação Ambiental o que, também, se reflete na heterogeneidade da análise e nos resultados. Portanto convidamos o/a leitor/a a ser protagonista das interpretações apresentadas, tendo em vista a sua abrangência.

Os dados levantados possibilitaram uma análise quanti-qualitativa. A quantidade dentro dos recortes necessários para o estudo de uma realidade tão ampla não poderia se construir numa amostra, como define esse conceito em estudos cujas análises são eminentemente quantitativas. Os dados quantitativos não foram delimitados, então, em função do critério de representatividade estatística, mas como significativo do ponto de vista da Educação Ambiental. Assim, a categorização e a sistematização dos dados dos questionários foram realizadas por meio do pacote estatístico SPSS,⁶ visando ao aprofundamento da interpretação e da análise.

Com o intuito de aprofundar os dados dos questionários, optamos por realizar um levantamento dos dados qualitativos por meio de entrevistas em grupos que

⁶ O programa de computador **SPSS** (acrônimo de **S**tatistical **P**ackage for the **S**ocial **S**ciences) é um dos programas de análise estatística mais usados nas Ciências Sociais; é também usado por pesquisadores de mercado, na pesquisa relacionada com a saúde, no governo, na educação e em outros setores.

denominamos de entrevistas coletivas,⁷ visando a aprofundar e/ou cruzar as interpretações e análises neste trânsito entre o quantitativo e o qualitativo. Os relatos foram gravados, com permissão dos participantes, transcritos e analisados, considerando basicamente três questões norteadoras: a motivação e o envolvimento com a Educação Ambiental; as ações praticadas; e as referências que se estabelecem para o trabalho desenvolvido, sejam locais, planetárias, documentais, legais, etc.

A avaliação qualitativa foi realizada por meio de uma análise temática que, de acordo com Bardin (1995) é uma das técnicas de análise de conteúdo e não menos consistente. O que consideramos é a significação das narrativas dos sujeitos participantes das entrevistas, a produção de sentidos sobre o conteúdo e as práticas especificamente (apud TRISTÃO, 2004).

A primeira reunião ocorreu em São Mateus, no dia 25 de maio de 2006, no Centro Universitário da UFES (CEUNES), das 13h30min às 17h. A mobilização principal foi feita pela Assessoria de Comunicação da Prefeitura de São Mateus, com a ajuda de outros parceiros locais. Compareceram, em média, 80 pessoas, mas responderam ao questionário 52 pessoas. Nas entrevistas, tivemos grupos de dez e de quatorze pessoas. Dentre os participantes da abertura dessa reunião, estavam presentes o prefeito, o vice-prefeito, secretários municipais de Educação, de Meio Ambiente, de Turismo, gestores de entidades de meio ambiente, educadores e professores de escolas e ONGs.

Em Linhares, no dia 26 de maio de 2006, também na região norte do Estado, fizemos outra reunião devido à facilidade de locomoção da equipe pela proximidade com São Mateus e o significativo trabalho em Educação Ambiental que já vem sendo desenvolvido no município. Além disso, a Fundação Pró-Tamar, que é da região, é um dos elos articuladores da RECEA desde o início de nossa rearticulação. Tivemos, nessa reunião, em torno de 40 participantes e 38 responderam ao questionário. Para a realização das entrevistas grupais, participaram ativamente do

⁷ De início, havíamos pensado em realizar a dinâmica do Grupo Focal, mas, por vários intervenientes, como o fator tempo, dificuldade de interação entre os participantes e uma preocupação muito maior entre os presentes em responder às questões do que de fazer uma reflexão conduziu a esta denominação: entrevistas coletivas.

grupo 16 pessoas (do IBAMA, da Reserva Biológica de Sooretama; da Fundação Pró-Tamar; representante do Grupo Ambientalista Natureza e Companhia (GANC), representante da Superintendência de Educação de Linhares, e professores de escolas da região).

Já o encontro de Nova Venécia, em 23 de junho de 2006, reuniu 44 educadores ambientais, tanto do próprio município como de localidades vizinhas, como Vila Pavão, Águia Branca e Boa Esperança. Estiveram representadas diversas instituições, principalmente escolas, mas também o Instituto Hidrográfico e Ambiental da Bacia de Itaúnas, Escola Família, Centro Integrado de Educação Rural, Secretaria Municipal de Meio Ambiente, entre outras. Participaram das entrevistas coletivas 12 pessoas.

O encontro de Santa Teresa, realizado em 28 de junho de 2006, não foi muito significativo do ponto de vista quantitativo, mas o grupo presente foi bastante representativo das instituições locais que desenvolvem trabalhos na área. A entrevista coletiva foi realizada com as mesmas pessoas que estiveram no pré-encontro, por volta de 11 integrantes (representantes do Museu de Biologia Melo Leitão, de Organizações Não-Governamentais, do Poder Público e de uma Instituição de Ensino Superior).

O pré-encontro na Região do Caparaó, em Guaçuí, foi realizado no dia 10 de agosto de 2006 e contou com a participação de 24 pessoas divididas entre representantes de organizações não-governamentais, como o Consórcio do Caparaó, Aguapan, Academia; representantes de órgãos governamentais: Prefeitura de Ibatiba, Superintendência Regional de Educação, Polícia Ambiental, Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente (SEMAGMA), Polícia Militar, Secretaria de Meio Ambiente e a Pastoral da Saúde. Participaram das entrevistas 16 pessoas, mas nem todas se manifestaram; muitas estiveram presentes, mas preferiram somente ouvir.

A reunião para realizar o diagnóstico na Região Metropolitana da Grande Vitória teve o maior número de participantes. Ocorreu no município de Cariacica, no dia 25 de agosto, e contou com a presença de 97 educadores/as. A programação seguiu o mesmo procedimento das reuniões anteriores e, ao final, culminou no convite para a realização de entrevistas coletivas. Foram formados dois grupos de nove e treze participantes, perfazendo um total de 23 educadores/as.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

3.1 UMA INTERPRETAÇÃO PANORÂMICA DAS REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA GRANDE VITÓRIA

Tivemos como ponto de partida deste estudo o levantamento dos projetos/ações nas instituições governamentais que desenvolvem ações e/ou políticas de Educação Ambiental na região da Grande Vitória: a Secretaria de Estado da Educação (SEDU), a Gerência de Educação Ambiental do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (GEA/IEMA), as Secretarias Municipais de Meio Ambiente de Vitória, Serra, Vila Velha; Secretaria de Educação de Viana e Cariacica. Esse levantamento de informações de ações, projetos e programas de Educação Ambiental foi realizado por meio de conversas informais das estagiárias do projeto com os responsáveis técnicos desses órgãos, no início de 2006.

Depois da sistematização dessas conversas e na tentativa de uma aproximação com os pressupostos da metodologia de pesquisa participante, que considera os entrevistados como sujeitos ativos, o texto transcrito desses relatos foi enviado para os representantes desses órgãos (normalmente pessoas atuantes da RECEA Ambiental), que consideramos colaboradores do diagnóstico, visando a uma análise de suas próprias práticas e dos programas das suas instituições e à garantia da fidedignidade desta pesquisa. Com o intuito de promover uma análise mais criteriosa e um debate integrado e participativo das interpretações das informações, optamos por realizar uma reunião, na UFES, com esses colaboradores, em abril de 2007,

para, então, promover uma atualização das informações, tendo em vista a rotatividade de ações e de gestores desses órgãos.

A partir do retorno colaborativo dos participantes dessa reunião, optamos por uma reformulação do texto enviado, pois os dados remetem ao contexto do momento em que a conversa é realizada.

Pelo nível de abrangência geográfica e de público, fizemos a opção por detalhar mais as ações desenvolvidas pela SEDU e pelo IEMA/SEAMA, que envolvem todo o Estado do Espírito Santo. Quanto às Prefeituras da Grande Vitória, fizemos uma síntese interpretativa das suas atividades e ações.

O papel da SEDU, em relação à Educação Ambiental, é apoiar e estimular os projetos das escolas. Esse apoio pode ser por meio da formação continuada de professores e de técnicos, da aquisição e da produção de material didático.

Nesse sentido, a partir de 2003, as Conferências Nacionais Infanto-Juvenis pelo Meio Ambiente, promovidas pelo MEC/MMA, contribuíram para incentivar e valorizar o trabalho das escolas, com o envolvimento de toda a comunidade nas discussões. Em torno de 400 escolas participaram com mais frequência. A realização dessas conferências, em 2005 e 2006, foi considerada como um fato desencadeador de atividades relacionadas com a Educação Ambiental nas escolas do Estado, que antes eram mais lentas e mais fragmentadas e atomizadas, sem o apoio da SEDU. A partir da conferência, a própria SEDU passou a apoiar e a estimular os projetos das escolas.

Apesar das recomendações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Lei da Política Nacional de Educação Ambiental para que seja tratada de modo transversal por todas as disciplinas curriculares, essa não é uma prática comum em todas as escolas, pois o conceito de transversalidade ainda não é bem compreendido por grande parte dos professores. Desse modo, predominam as abordagens pontuais, com destaque para as datas comemorativas, concursos e outras iniciativas de caráter não processual.

Além das questões pedagógicas e de fundamentação teórica, a educação formal vivencia inúmeras adversidades (rotatividade dos professores, carências na formação inicial e continuada dos professores, acúmulo de trabalho, falta de infraestrutura das escolas, etc.) que, em seu conjunto, dificultam ou impedem a participação mais efetiva e conjunta de professores, alunos, técnicos e de toda comunidade escolar em torno das questões ambientais.

Mesmo assim, diversos projetos elaborados e desenvolvidos nos espaços escolares demonstram um avanço em relação a aspectos significativos da Educação Ambiental, como a identificação dos problemas ambientais locais, o incentivo ao protagonismo juvenil e ao exercício da cidadania, a divulgação dos projetos na comunidade, dentre outras iniciativas.

Os temas mais freqüentes dos projetos realizados nas escolas estão relacionados com resíduos sólidos, envolvendo coleta seletiva e reciclagem. Existem também projetos associados à preservação de ecossistemas nas quais as escolas se encontram (manguezais, mata atlântica).

Quanto aos professores mais envolvidos com Educação Ambiental, são os das áreas de Ciências, Geografia e Biologia, mas existem outras áreas também representadas, como a de Português. Os professores mais engajados estão no sul do Estado, atuando nos municípios da Região do Caparaó⁸ e no noroeste, no município de Colatina.

As escolas do Estado do Espírito Santo que têm um trabalho mais sistemático com a Educação Ambiental são as rurais: os Centros de Educação Rural (CERs) que estão localizados em Boa Esperança, Águia Branca e Vila Pavão. Muitas outras escolas estão focalizando a Educação Ambiental, mas não é a escola que tem uma política e, sim, os professores/as que tomam a iniciativa.

⁸ São 11 municípios da Região do Caparaó que estão organizados pela figura do Consórcio Intermunicipal do Caparaó, que tem como objetivo e preocupação o desenvolvimento dessa região de forma sustentável. Os referidos municípios são: Guaçuí, Alegre, Ibitirama, Jerônimo Monteiro, Irupi, Lúna, São José do Calçado, Divino São Lourenço, Dolores do Rio Preto, Muniz Freire e Ibatiba.

No que se refere às ações em Educação Ambiental desenvolvidas pelo Instituto Estadual de Meio Ambiental e Recursos Hídricos (IEMA), por meio da Gerência de Educação Ambiental (GEA), essa vem, ao longo dos anos, buscando alcançar o seu maior objetivo: construir, democrática, participativa e continuamente, a gestão da Educação Ambiental no Espírito Santo.

Esse processo é baseado nos marcos teóricos da Educação Ambiental, bem como nos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Ambiental, na Lei nº 9.795/99 e no Programa Estadual de Educação Ambiental. Os temas dessa proposta são: dimensões e sustentabilidade da Educação Ambiental: nos processos e instrumentos de gestão.

A GEA, dentro de sua linha de atuação, participa dos processos de licenciamento ambiental, pela análise de meio antrópico e de programas/projetos de Educação Ambiental, organizando e realizando reuniões e audiências públicas, para informar e esclarecer a opinião pública, comunidades, ONGs e demais segmentos da sociedade civil sobre o processo, bem como garantir a participação e opinião pública no planejamento e gestão ambiental do Estado.

Desde 1992, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEAMA) passou a desenvolver ações de Educação Ambiental no Estado, apoiando as atividades educativas de algumas instituições em diferentes regiões – os Pólos de Educação Ambiental da Mata Atlântica. A escolha dessas instituições foi baseada nos trabalhos de Educação Ambiental em curso em suas áreas de abrangência, respeitando e valorizando os aspectos ambientais e as demandas específicas de cada região.

São oito os Pólos de Educação Ambiental do Espírito Santo: SEAMA/IEMA como pólo central, por meio da Gerência de Educação Ambiental (GEA), em Cariacica; Museu de Biologia Mello Leitão (em Santa Teresa); Escola de Pesca de Piúma (ESCOPESCA); Escola Agrotécnica Federal de Alegre (EAFSA); Centro de Desenvolvimento Sustentável Guaçu-Virá (CDS Guaçu-Virá), em Venda Nova do

Imigrante; Projeto Tartarugas Marinhas (TAMAR), Litoral; Pólo de Educação Ambiental da Região do Caparaó;⁹ e o Mosteiro Zen Morro da Vargem, em Ibraçu.

A GEA e a SEDU integram a Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (CIEA), que tem como um de seus objetivos elaborar a Política Estadual de Educação Ambiental e propor diretrizes para processos educativos ambientais desenvolvidos no Estado. Durante a reunião, foi mencionada a importância da CIEA na formulação de uma política de Educação Ambiental para garantir que a Educação Ambiental esteja no Núcleo das ações educativas.

As Secretarias Municipais de Meio Ambiente e de Educação de Vitória, Serra, Cariacica, Viana e Vila Velha desenvolvem campanhas educativas,¹⁰ projetos em escolas e comunidades com temáticas bastante diversificadas, com enfoques na preservação e conservação ambiental que circulam em torno do lixo, hortas, recursos hídricos, ecossistemas manguezal, alimentação, consumo sustentável, mata atlântica até a criação de uma cultura de paz. Nota-se a inserção da dimensão social em várias dessas propostas e a dimensão lúdica como uma estratégia metodológica marcante das ações (feiras de meio ambiente,¹¹ descidas ecológicas, passeio ecológico, visitas monitoradas, gincanas, teatros).

Outro grande Projeto desenvolvido pela Secretaria de Meio Ambiente em parceria com a Secretaria de Educação em Vitória foi o “Projeto Educação Ambiental nas Escolas”, iniciado em 1994, tendo como principais objetivos a formação continuada de professores e o acompanhamento técnico de projetos de Educação Ambiental desenvolvidos pelas escolas de ensino infantil e fundamental do município. Em 2007 o Projeto teve sua metodologia reformulada passando a denominar-se “Projeto Parquescola”. Nessa nova fase, os parques de Vitória tornaram-se os espaços privilegiados para as práticas de Educação Ambiental das escolas participantes.

⁹ Criado em novembro de 2005 pelo protocolo de intenções entre o Governo do Estado/IEMA e o Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável da Região Caparaó.

¹⁰ Destaca-se a campanha Praia Limpa, realizada com os banhistas no verão, pelas Prefeituras de Vitória e da Serra, por meio das Secretarias de Meio Ambiente.

¹¹ Destaca-se a “Feira do Verde da Cidade de Vitória”, evento anual de abrangência nacional, reunindo expositores de todo o Brasil e aproximadamente 200.000 visitantes. Em 2007 foi realizada a XVIII Feira do Verde.

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Vitória criou Centros de Educação Ambiental (CEAs) nos parques da cidade, com o intuito de integrar as ações das escolas e das comunidades de acordo com demandas locais. Em 2007 estão em funcionamento 11 CEAs. Os temas das atividades estão relacionados com os ecossistemas em que os CEAs estão inseridos ou com a temática escolhida pelas escolas. Desse modo, no Parque Baía Noroeste, o foco é o ecossistema manguezal; no Parque da Fonte Grande,¹² são abordados assuntos voltados para a Mata Atlântica; no Parque Moscoso, são focalizadas questões históricas sobre o município e o seu público-alvo é, em sua maioria, a terceira idade.

No caso das outras prefeituras, como as da Serra e de Cariacica, observa-se um investimento na formação continuada em Educação Ambiental dos professores/as das escolas municipais, destacando-se os cursos: “Enraizamento da Educação Ambiental no cotidiano das escolas” e “Hortas Escolares” para professores/as e pedagogos/as da Rede Municipal de Cariacica.

A Prefeitura Municipal da Serra tem uma atuação por meio da Secretaria do Meio Ambiente, orientando e auxiliando os docentes a implementarem projetos de caráter ambiental com os alunos, incentivando uma reconstrução de valores, com vistas à sustentabilidade. As ações são realizadas e coordenadas pelo Departamento de Educação Ambiental.

As ações de Educação Ambiental desenvolvidas pelo município de Cariacica estão contempladas no Programa Educação Integrada da Secretaria Municipal de Educação e têm como meta o desenvolvimento de projetos socioeducacionais, por meio de parcerias com órgãos governamentais e não- governamentais na promoção da interação escola-comunidade. A participação das escolas desse município nas Conferências Infante-Juvenis pelo Meio Ambiente, promovidas pelo MEC/MMA, em 2003 e 2005, são mencionadas como ações de grande relevância.

¹² No dia 5-6-2007, o parque da Fonte Grande, que era estadual, passou oficialmente para o município de Vitória que já administrava a Unidade de Conservação.

A Prefeitura de Viana criou a Secretaria de Meio Ambiente em 2004 e chegou a implantar um Programa de Educação Ambiental. Contudo a atual administração municipal acabou com a Secretaria e criou apenas o Departamento de Meio Ambiente na Secretaria de Agricultura. Apesar disso, o município vem tentando implantar um Centro de Educação Ambiental em Jucuruaba. A idéia é instalar um espaço pedagógico, implementar a trilha interpretativa já existente, para se tornar um Centro de Referência ou um Núcleo de Educação Ambiental do município.

A Prefeitura de Vila Velha faz a gestão da Educação Ambiental por meio de um Departamento de Educação Ambiental na Secretaria de Meio Ambiente e já desenvolveu vários cursos e projetos nas escolas com formação continuada de professores. Atualmente, sofre, também, com problemas de infra-estrutura, de equipe e está em processo de replanejamento de suas atividades.

Ainda merece registro, por nossa análise, os prêmios de mérito para a Educação Ambiental no Estado do Espírito Santo, que mobilizam a comunidade de educadores/as com bastante importância, repercutindo-se para toda a sociedade. São eles: O Prêmio Tião Sá – da Prefeitura de Vitória/Secretaria de Meio Ambiente, instituído pela Lei nº 4.203, de 18 de maio de 1995 e regulamentado pela Portaria 28, de 28 de maio de 2002, cuja premiação acontece todos os anos durante a Feira do Verde; e o Prêmio Ecologia – do Instituto Estadual de Meio Ambiente em parceria com a Rede Vitória de Comunicação, instituído conforme Decreto nº 7.462-E, de 21 de julho de 1999, que regulamenta o Prêmio Ecologia.

Esses Programas e Projetos não explicitam um compromisso com “conceitos” hoje tão necessariamente visíveis à Educação Ambiental como sustentabilidade, cidadania e solidariedade, só para citar alguns. A maioria dos problemas e soluções ambientais tem suas raízes nas comunidades locais, em que pese a participação e cooperação das lideranças como fundamentais para se atingir os objetivos de uma Educação Ambiental emancipatória. Assim, as instâncias oficiais de gestão na Grande Vitória parecem focar mais a terminalidade da ação de Educação Ambiental do que desencadear um processo efetivo de participação comunitária

para a transformação socioambiental, embora esta seja uma preocupação recorrente na fala dos educadores/as.

Conseguir, efetivamente, maior participação de cidadãs e cidadãos parece ser uma das dificuldades visíveis nesses projetos. A grande questão que se coloca é: como promover a participação e o envolvimento das comunidades nas questões socioambientais? Para Dowbor (1993), a saída encontrada para o crescente processo de urbanização das cidades poderia ser a (re)valorização do local, com as decisões e ações descentralizadas.

As dificuldades apontadas pelos educadores/as/gestores/as foram: falta de pessoal qualificado para realização de palestras; empresas apóiam mais projetos relacionados com eventos (Descida Ecológica do Rio Jucu, Dia da Árvore, Feira da Terra); falta de logística de algumas Secretarias (data show, computadores, etc.).

Ainda que muitos defendam o fortalecimento dos canais de participação já existentes,¹³ os desafios de uma Educação Ambiental emancipatória são muitos e não tanto de ordem técnico-formal, mas de criação de instâncias de negociação, como adverte Leis (1997), para uma participação baseada numa “[...] ação comunicativa eficiente, em que os melhores argumentos tenham uma chance real de prevalecer frente às visões instrumentistas dos atores políticos e econômicos tradicionais” (LEIS, 1997, p. 240). Esses canais já criados, segundo leis, não constituem, na prática, espaços de negociação, pois a participação da sociedade civil fica reduzida a um recurso corretivo e/ou defensivo, sem condições de gerar outras alternativas.

¹³ A referência é a partir dos canais estabelecidos: audiência pública na avaliação de impacto ambiental, ação civil pública (ACP) e os órgãos colegiados, como Conselho Nacional de Meio Ambiente e outros conselhos estaduais e municipais do mesmo tipo.

3.2 PONTOS MACRORREGIONAIS: OS PRÉ-ENCONTROS E UMA ANÁLISE QUANTITATIVA NOS MUNICÍPIOS PÓLOS

No total dos seis pré-encontros realizados nas macrorregiões do Espírito Santo, obtivemos 368 questionários (=100%) preenchidos pelos/as educadores/as ambientais capixabas. Desses 279 (75,81%) são provenientes ou atuam em zona urbana e 89 (24,19%) em zona rural.

3.2.1 Macrorregião

É importante ressaltar que obtivemos os seguintes percentuais por macrorregião:

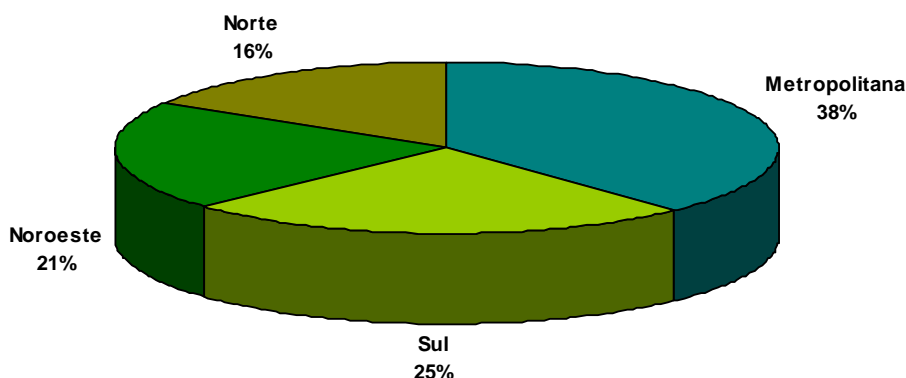


Gráfico 1 – Participação por macrorregião do Estado do Espírito Santo

No Gráfico 1, observamos uma preponderância de respondentes da Região Metropolitana (38%) seguida da região sul (25%), noroeste (21%) e norte (16%). Vale ressaltar que os municípios de Linhares e Santa Teresa estão localizados em distintas regiões metropolitanas, de acordo com o IBGE (ANEXO A).

Em termos microrregionais, há uma disparidade bem expressiva representada pela Região Metropolitana (22%); pela região do Caparaó (também com 22%); seguida pela Noroeste 2 (17%), Litoral Norte (15%) e Linhares (13%); com outras que, somadas, perfazem somente 11%.

3.2.2 Microrregião

Podemos identificar as microrregiões no Gráfico 2 a seguir:

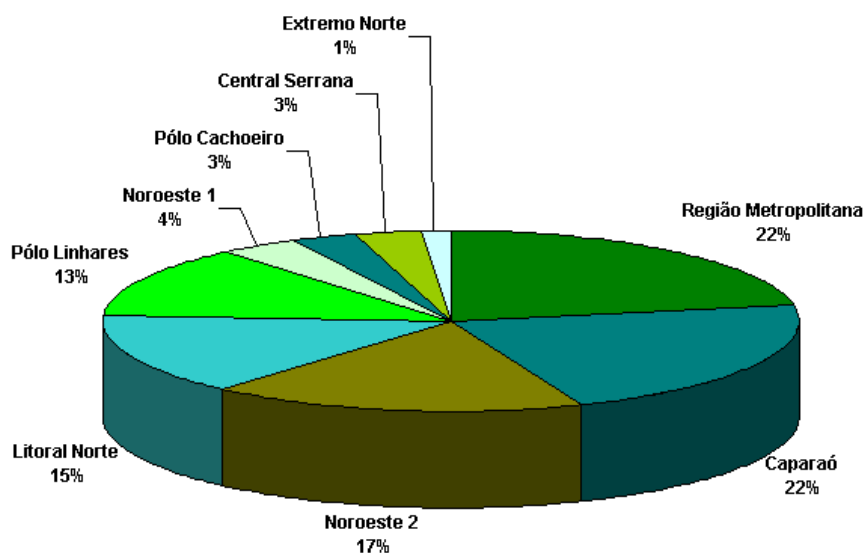


Gráfico 2 – Participação por microrregião administrativa do Espírito Santo

Relacionando-se os números de uma ou de outra forma de divisão administrativa geográfica (macro e microrregiões), observamos uma razoável cobertura de educadores/as ambientais no Estado, apesar da disparidade já comentada. Podemos considerar como uma referência importante da Educação Ambiental capixaba que também nos remete a uma interpretação de que, provavelmente, a maioria dos locais dos pré-encontros da coleta de dados em cidades que elegemos como municípios pólos dos “pontos macrorregionais” recaem sobre a mesma área microrregional representada.

Numa subdivisão dos entrevistados por caracterização de suas zonas territoriais de atuação, aparecem 76% dos que trabalham em zona urbana e apenas 24% em zona rural. Com isso, inferimos que a maior concentração de pessoas, atuantes e praticantes da Educação Ambiental estão na zona urbana, o que não desconsidera a

informação levantada na SEDU de que as escolas rurais são as mais envolvidas/comprometidas com um trabalho sistemático em Educação Ambiental.

3.2.3 Região de atuação

Observarmos, a seguir, a área de atuação dos educadores/as ambientais (Gráfico 3):

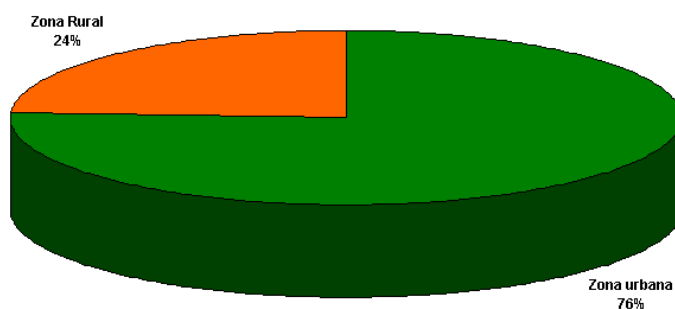


Gráfico 3 – Região de trabalho dos entrevistados

Na pergunta sobre trabalho/atuação do/a entrevistado/a, apresentamos os percentuais que se seguem, obtendo múltiplas respostas:¹⁴

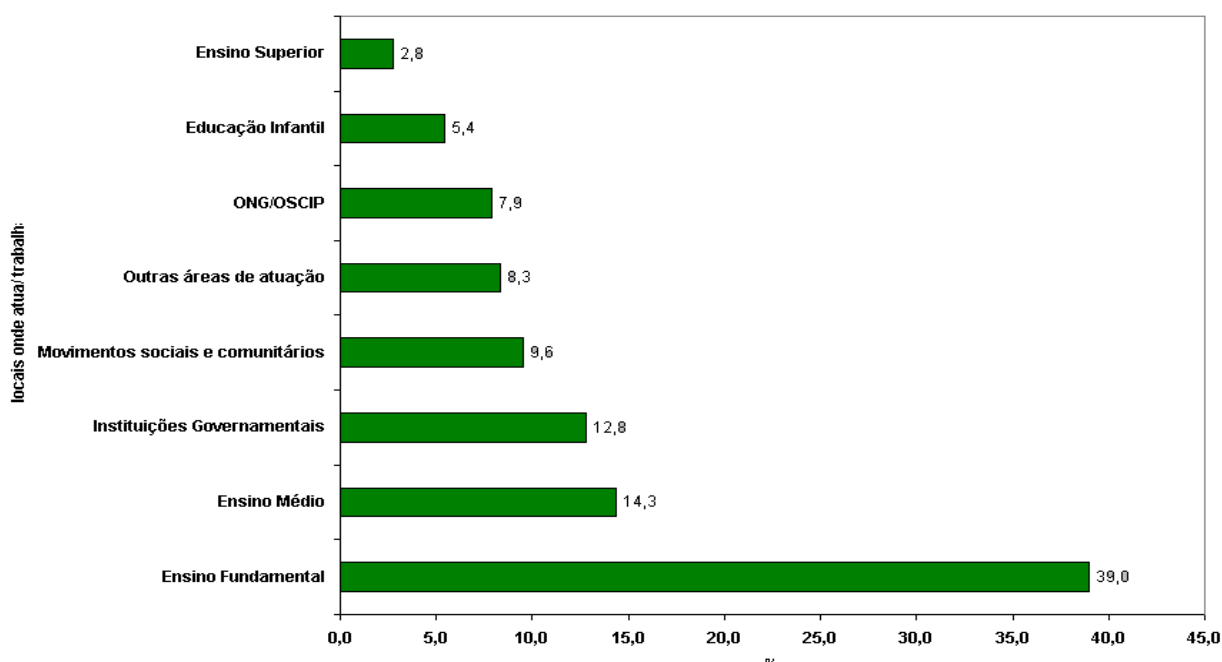


Gráfico 4 – Área de atuação

¹⁴ A resposta múltipla significa que as pessoas respondentes dos questionários podem ter mais do que uma atuação profissional.

Numa reflexão sobre esse gráfico, convidamos o leitor a uma interpretação sobre onde trabalham/atuam os/as educadores/as ambientais, pois muitos deles que responderam ao questionário atuam em contextos diferentes e diversificados. Assim, uns marcaram várias opções de atuação e outros nenhuma, tornando, em parte, difícil uma interpretação devido à frequência ou o dado estatístico.

Entretanto, se analisarmos pelo número de respostas, é muito expressivo o número de educadores/as envolvidos com a Educação Ambiental no Estado que atuam no ensino fundamental (39%). Observa-se, também, que, somando esse índice de respostas com o percentual das respostas que indicam uma atuação no ensino médio, chegamos a um contingente de 53,3%.

Segundo o que demonstra este estudo, é mister ressaltar a escola ou os processos educativos no âmbito escolar ou no ensino formal, como se convencionou chamar, como o grande contexto de atuação do trabalho do/a educador/a ambiental capixaba, chegando a uma somatória de 61,5% sobre as respostas encontradas; sucedido depois pelas instituições governamentais (12,8%), pelos movimentos sociais e comunitários (9,6%) que, em sua maioria, são as associações de moradores, pelas ONGs e OSCIPs (7,9%), as outras áreas o percentual de 8,3%.

Destaca-se aqui a pergunta aberta que vem em seguida: vocês participam de lista de discussão, Conselhos de Meio Ambiente, Comissões e Câmaras, Fóruns de Educação Ambiental, Comitês de Bacias e de outros eventos dessa natureza? Encontramos 35 respostas do total (9,51%), denotando pouca inserção dos entrevistados nessas organizações, conforme Tabela 1.

Quanto a essa mesma questão, também é possível inferir que, seguido da atuação em escola, encontramos uma atuação extracontexto escolar, de 178 respostas múltiplas, sendo: 35,4% atuando em ONGs, OSCIPs e movimentos sociais; 19,7% em Conselhos de Meio Ambiente. Quanto à atuação em redes, encontramos 13,5% dessas respostas e, quando indagamos se participa de alguma lista de discussão na internet, apenas 8,4% responderam afirmativamente, conforme dados da tabela a seguir:

Tabela 1 – Participação social.

Participa de organizações	Frequência	%
ONG/ OSCIP	63	35,4
Conselhos de Meio Ambiente	35	19,7
Organização social em rede ou movimento social	24	13,5
Comitês de bacias hidrográficas	22	12,4
Lista de discussão	15	8,4
Fóruns de Educação Ambiental	15	8,4
Comissões e câmaras técnicas de Educação Ambiental	4	2,2
Total	178	100,0

Nota: Múltipla resposta.

Numa interpretação mais detalhada, encontramos apenas três respostas indicando uma atuação na REBEA e duas na RECEA. Talvez possamos, com isso, levantar três situações hipotéticas: uma seria a dificuldade de acesso digital dos educadores; outra a situação de empobrecimento econômico e cultural em que se encontram; e, uma última, a resistência aos meios digitais. Fazemos essa ressalva com certa preocupação, porque a participação em listas de discussão na internet torna-se uma ferramenta importante para uma participação nas redes de Educação Ambiental, especificamente a RECEA.

3.2.4 Tempo de atuação

No que se refere ao tempo de atuação desses profissionais envolvidos com a Educação Ambiental, a distribuição convencional é mais ou menos equitativa ao que apresentamos: até dois anos (27%); mais de dez anos também (27%); de dois a cinco anos (25%); e de cinco a dez anos (21%), como é demonstrado no gráfico a seguir.

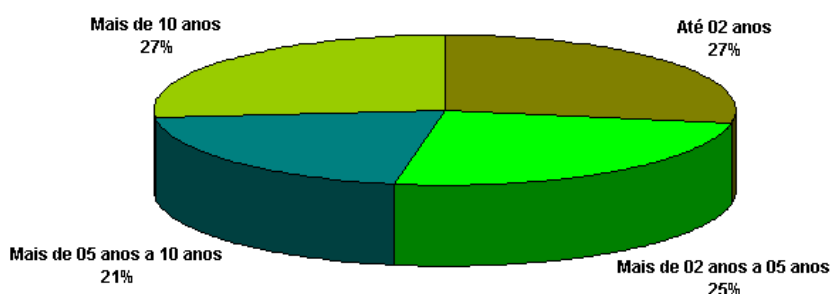


Gráfico 5 – Tempo de atuação em Educação Ambiental

Com base nesse gráfico, constatamos que, no cenário capixaba, existem educadores/as com razoável experiência de trabalho em Educação Ambiental, sobretudo, se considerarmos aqueles/as com mais de cinco anos de atuação, que somam 48% dos/as entrevistados/as.

A tabela a seguir cruzada, sobre a pergunta aberta acima mencionada – se participa ou não de organização social – indica que, quanto maior o investimento profissional ou o tempo de atuação em Educação Ambiental, mais aumenta a participação e a atuação nesses fóruns.

Tabela 2 – Tempo de atuação/participação em Educação Ambiental

Participa de organização?			Mais de 2		Mais de 5 anos		Mais de 10 anos		Total	
	Até 2 anos		anos		a 10 anos		10 anos			
<i>Participa de organização social em rede ou movimento social?</i>	4	11,4	7	12,7	5	14,7	7	13,5	23	13,1
<i>Participa de lista de discussão?</i>	6	17,1	4	7,3	1	2,9	4	7,7	15	8,5
<i>Participa de Conselhos de Meio Ambiente?</i>	8	22,9	13	23,6	5	14,7	9	17,3	35	19,9
<i>Participa de comissões e câmaras técnicas de Educação Ambiental?</i>	1	2,9	1	1,8	1	2,9	1	1,9	4	2,3
<i>Participa de fóruns de Educação Ambiental?</i>	4	11,4	6	10,9	1	2,9	3	5,8	14	8,0
<i>Participa de comitês de bacias hidrográficas?</i>	6	17,1	6	10,9	4	11,8	6	11,5	22	12,5
<i>Participa de ONG?</i>	6	17,1	18	32,7	17	50,0	22	42,3	63	35,8
Total	35	100,0	55	100,0	34	100,0	52	100,0	176	100,0

Nota:Múltipla resposta.

3.2.5 Formação do entrevistado/a

Sobre a formação do/a entrevistado/a, é bastante expressivo o índice dos que têm nível superior de escolaridade (79,1%), como mostra o gráfico a seguir:

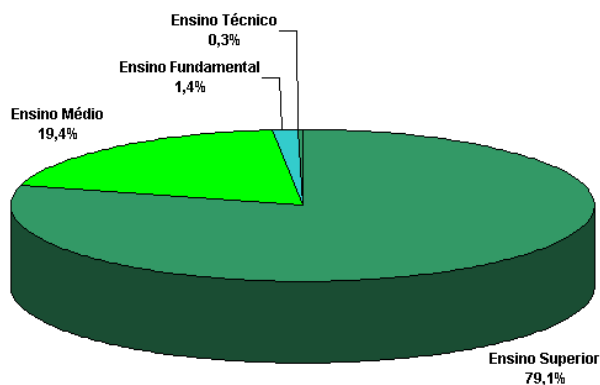


Gráfico 6 – Formação dos educadores/as

Do ponto de vista do respaldo de uma qualificação profissional e educacional, é bastante significativo o contingente de educadores com ensino superior, constituindo-se num alento ao movimento de formação na área, com vistas a se institucionalizar um campo promissor, inclusive, para cursos de pós-graduação e de outras oportunidades de pesquisa e de produção de conhecimento.

No Gráfico 6, tal possibilidade de formação pode ser inferida pela diversidade com que se manifesta o perfil dos educadores/as ambientais capixabas, sugerindo-nos uma real necessidade de articulação de saberes-fazeres que não se manifesta numa única área de formação e de atuação, como se configura a multidimensionalidade da Educação Ambiental. Isso pode ser um indicador de uma tentativa de atuação multidisciplinar/pluridisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, abordagens tão necessárias à Educação Ambiental.

3.2.5.1 Formação por área

A seguir, podemos observar a formação desses educadores:

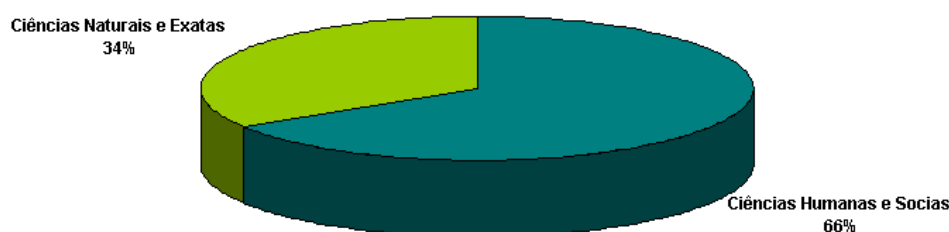


Gráfico 7 – Formação dos entrevistados/as por área

Observamos, no Gráfico 7, que são representativas as áreas de conhecimento em que se apresentam, aparecendo 66% dos educadores com formação em ciências humanas e sociais e 34% com formação em ciências naturais e exatas, sendo bastante expressivo o contingente do primeiro sobre o segundo, possivelmente indicando que houve um rompimento com o mito de que a Educação Ambiental, seria sinônimo de ensino de Ecologia que, por sua vez, estaria ligada às Ciências Naturais.

Entretanto, numa interpretação mais detalhada, merece registro e destaque aqui que a Pedagogia tem o maior contingente de representantes (37,5%), seguida do curso de Ciências Biológicas (19,2%), de Geografia (10,7%) e, mais abaixo, dos cursos de Matemática (6,2%), História (5,5%) e Letras/Português (5,2%). Esses/as entrevistados correspondem a um conjunto de 84,3% e todos os outros cursos citados somam apenas 15,7%, conforme tabela abaixo.

Tabela 3 – Formação/cursos

Formação superior	Freq.	%
Pedagogia	115	37,5
Ciências Biológicas	59	19,2
Geografia	33	10,7
Matemática	19	6,2
História	17	5,5
Letras Português	16	5,2
Ciências	6	2,0
Turismo	5	1,6
Agronomia	5	1,6
Administração	5	1,6
Ciências Contábeis	3	1,0
Medicina Veterinária	2	0,7
Engenharia Civil	2	0,7
Engenharia Ambiental	2	0,7
Educação Física	2	0,7
Ciências Econômicas	2	0,7
Artes Visuais	2	0,7
Zootecnia	1	0,3
Teologia	1	0,3
Química	1	0,3
Letras Português-Inglês	1	0,3
Letras Espanhol	1	0,3
Horticultura	1	0,3
Física	1	0,3
Engenharia Mecânica	1	0,3
Engenharia Elétrica	1	0,3
Enfermagem	1	0,3
Ciências Sociais	1	0,3
Artes Plásticas	1	0,3
Total	307	100,0
Nota: Múltipla resposta.		

3.2.6 Pós-Graduação

Abaixo, analisamos o conjunto dos/as entrevistados/as que tem pós-graduação.

Um total de 47 (19,7%) dos entrevistados fez cursos de pós-graduação, sendo a maioria de cursos de especialização *lato sensu*, sugerindo que há um investimento na formação continuada.

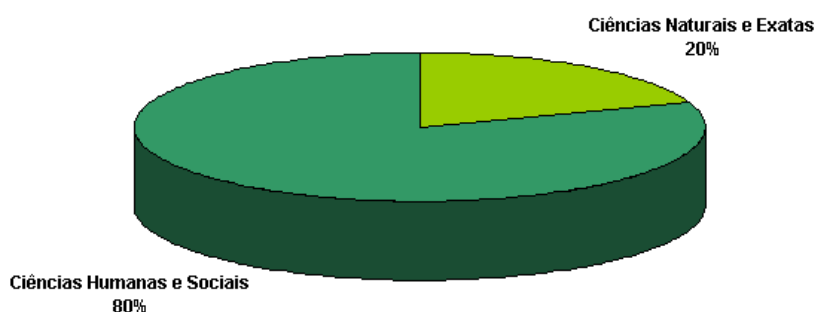


Gráfico 8 – Área da Pós-Graduação

É interessante observar que a área de conhecimento do gráfico demonstrativo dos/as educadores/as com pós-graduação continua sendo a área de Ciências Humanas e Sociais, favorecida com um contingente de 80% sobre o de 20% das Ciências Naturais e Exatas, corroborando os dados alusivos à graduação e superando a disparidade da diferença que antes se verificou na graduação, conforme já comentamos. Ou seja, a articulação entre a formação inicial e a formação continuada se faz visível com o aprofundamento do conhecimento na área das humanidades.

3.2.7 Tema ou área de conhecimento em Educação Ambiental

Sobre a pergunta fechada, referente ao tema ou área de conhecimento em Educação Ambiental que aborda em seu trabalho, temos o que se apresenta em termos percentuais:

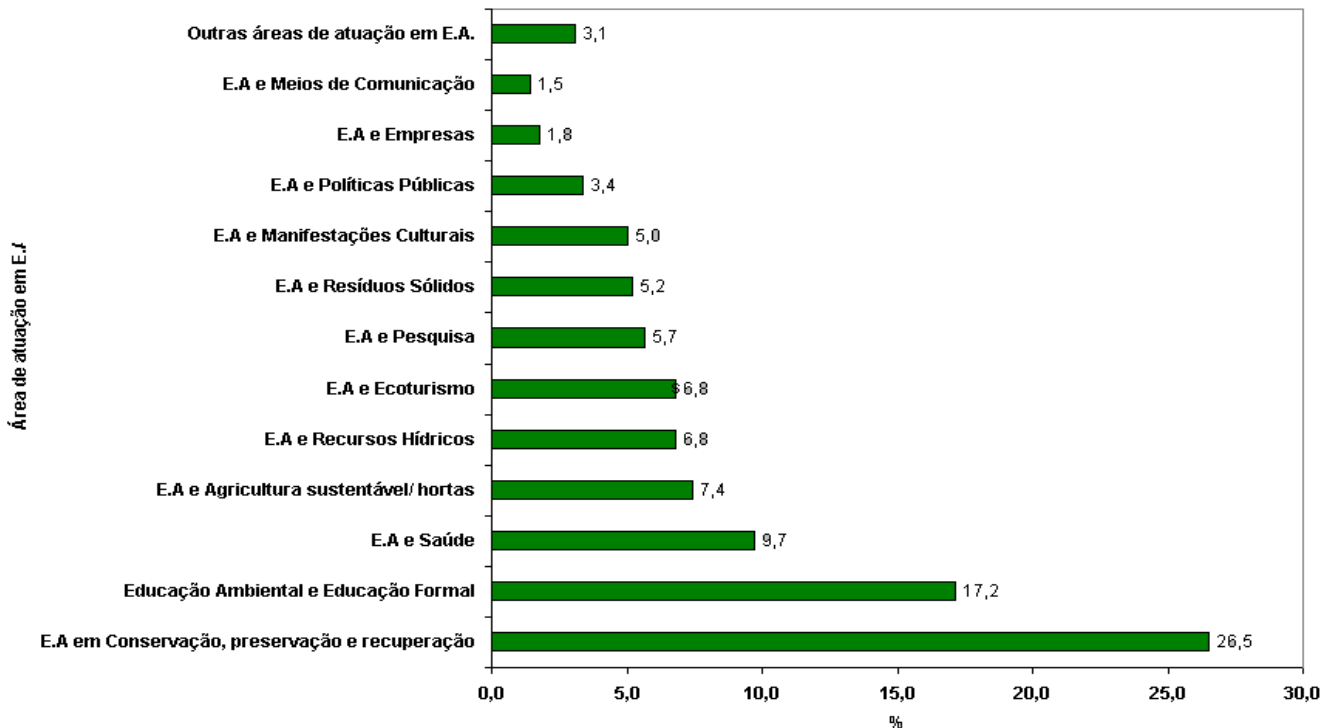


Gráfico 9 – Área de conhecimento em Educação Ambiental.

Conforme observamos, o tema “Educação Ambiental em conservação, preservação e recuperação” protagoniza a maioria das respostas (26,5%), seguido por Educação Ambiental e Educação Formal (17,2%). Nessa mesma questão, diversas outras inserções ocorrem, com conexões explícitas entre Educação Ambiental e saúde, Educação Ambiental e agricultura sustentável/hortas, Educação Ambiental e recursos hídricos, Educação Ambiental e ecoturismo, pesquisa, resíduos sólidos, manifestações culturais, políticas públicas, empresas, meios de comunicação e outras. Esse gráfico também, como o de “formação por área”, demonstra uma pulverização de ações e uma diversidade de saberes relacionados com as práticas da Educação Ambiental.

É interessante observar que a atuação da maioria dos entrevistados acontece no contexto da escola. A formação do maior número dos participantes é em Ciências Humanas e o tema prioritário é a conservação, preservação e recuperação do meio ambiente. Vale ressaltar, entretanto, que as respostas aqui podem ter sido múltiplas em função de que a atuação, sobretudo no âmbito escolar (que representa a maioria), pode estar voltada muito mais para um enfoque no conteúdo da Educação Ambiental do que do trato técnico do meio ambiente, envolvendo a sua conservação, preservação e recuperação. A valorização do tema é inegável no contexto da Educação Ambiental capixaba.

3.2.8 Demandas de Educação Ambiental

A questão das demandas, possibilidades ou desafios corrobora as inferências sobre a busca por uma formação na área, expressando, talvez uma carência por um aprofundamento teórico e metodológico, conforme evidenciado pelos(as) os/educadores(as) em exercício que têm seus saberes e práticas referendados pelo conhecimento acadêmico demonstrado em formação superior e pós-graduação, como verificamos no gráfico a seguir:

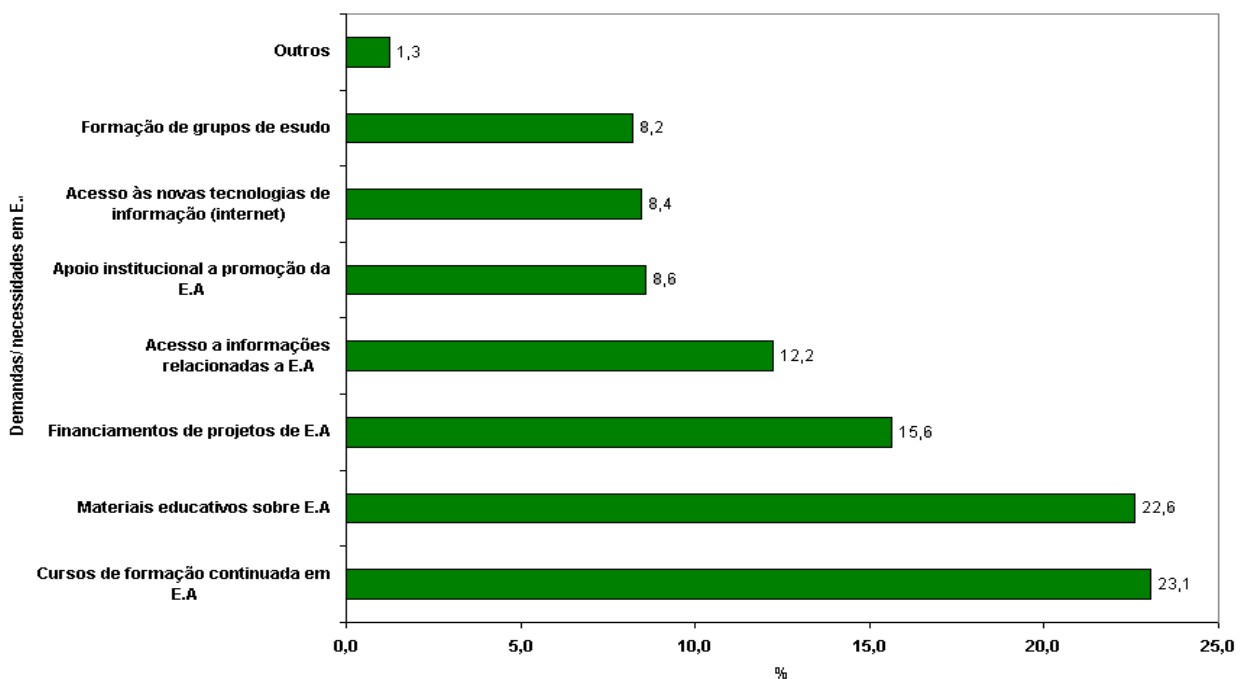


Gráfico 10 – Demandas de Educação Ambiental

Das citações acerca das demandas, por parte dos educadores entrevistados, é explícita a necessidade da formação continuada (23,1%) e da carência de materiais didáticos e educativos em Educação Ambiental (22,6%). Num plano mais abaixo, foram também referidos os financiamentos de projetos de Educação Ambiental (15,6%) e o acesso de informações relacionadas com a Educação Ambiental (12,2%), além de outras possibilidades que legitimam a atuação profissional para permanente aprimoramento e articulações socioeducativas.

3.2.9 Estratégias em Educação Ambiental

Por fim, a pergunta do questionário que se traduz numa solicitação por estratégias em Educação Ambiental ou seja, por qual meio a Educação Ambiental tem se desenvolvido, para uma transformação social ou cada vez mais efetiva, temos 26,8% das respostas que confirmam uma “vocação” para o trabalho realizado no cotidiano escolar. O trabalho desenvolvido por projetos foi citado por 17,2%, seguido de palestras por 13% dos/as entrevistados/as. Já os eventos (encontros, seminários, congressos e similares) ficaram com 8,8% das estratégias.

O trabalho de pesquisa foi citado por 8,1%, seguido de cursos e/ou oficinas (6,4%), campanhas (6,9%), atividades artístico-culturais (5,9%), produção de material educativo (4,4%) e programas institucionais (4,1%).

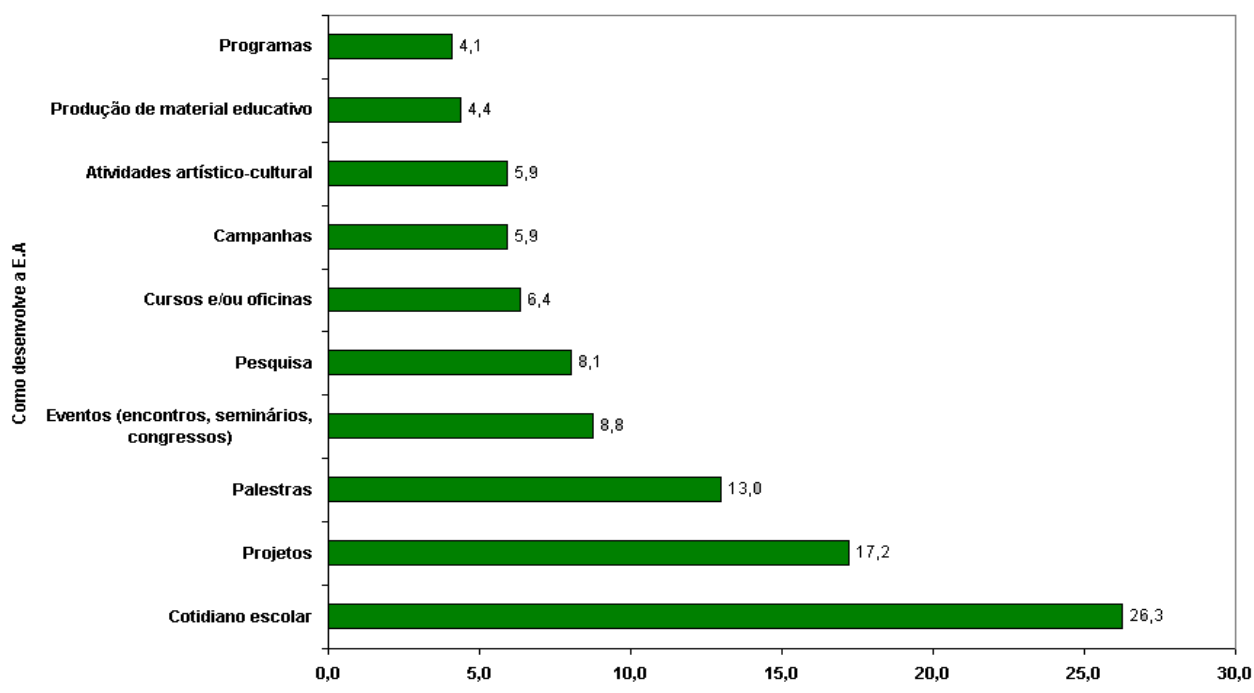


Gráfico 11 – Estratégias e Educação Ambiental

3.3 TECENDO COMENTÁRIOS E ENTENDENDO AS NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CENÁRIO CAPIXABA: ENTREVISTAS COLETIVAS

Os momentos de realização das entrevistas coletivas aconteceram no final das cinco reuniões realizadas nos municípios, quando os participantes eram convidados a permanecer para uma discussão em grupo. Contamos, então, com a predisposição dos presentes a compor esses grupos numa discussão circular que estamos denominando de entrevistas coletivas, por entender que essa denominação se aproxima muito da dinâmica de grupo focal, inicialmente proposta.

As perguntas giraram em torno de três questões que nortearam a sistematização dos dados e as análises: como você se motivou ou se envolveu com a Educação Ambiental? Como você trabalha? O que é significativo/referência para você em Educação Ambiental?

A partir da formação dos grupos, a técnica da entrevista coletiva era explicada, deixando os participantes se manifestarem de maneira livre e solicitando a permissão para gravação dos depoimentos. Não houve objeções à gravação em nenhuma entrevista.

As respostas foram transcritas pelas monitoras do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Educação Ambiental e Ensino de Ciências Naturais (NIPEEA) e analisadas em reuniões periódicas do grupo de pesquisa.

Procuramos destacar os dados considerados significativos/expressivos de cada pergunta, aqueles mais recorrentes que emergiram de maneira clara ou tácita ao longo do debate e das reflexões dos grupos. Para efeito dessa leitura, analisamos e organizamos os dados em conjunto, seguindo logicamente, as “questões de análise” que nortearam nossas reflexões e interpretações.

Optamos por realizar uma análise temática, agrupando os dados em torno de cada questão, mais no sentido de organização e sistematização dos dados do que de uma fragmentação das práticas discursivas ou narrativas. Com isso, procuramos

analisar o conjunto e não caracterizar uma ou outra região, garantindo a sua integridade e preservando as identidades dos sujeitos participantes.

Tentamos, assim, por meio dessas entrevistas grupais, compreender a narrativa da Educação Ambiental expressa nos repertórios dos sujeitos praticantes e participantes, ou seja, é a compreensão mesma do relato da experiência na tentativa de dar significado aos modos pelos quais esses educadores compreendem a Educação Ambiental, se comunicam por meio dela, formam suas identidades. Talvez, como nos auxilia Hart (2005), possamos, com isso, compreender um pouquinho as ações que motivam e movimentam as teorias, as crenças e os valores da Educação Ambiental no cenário capixaba.

Tratamos aqui de compreender as narrativas de acordo com o pensamento de Larrosa (2003, p. 41), baseado nas idéias de Ricoeur, quando diz que

[...] é contando nossas próprias histórias que damos a nós mesmos, uma identidade. Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é pequena a diferença se essas histórias são verdadeiras ou falsas, tanto a ficção, como a história verificável, nos provêm de uma identidade.

Convidamos, então, o leitor a imprimir o seu sentido interpretativo aos fragmentos das narrativas transcritas em cada momento, pois, como nos auxilia a compreender Hart (2005), esses métodos são sempre exploratórios, dialógicos, provisórios e indeterminados. Compreendidas também como uma estrutura de identidade, optamos por transcrever algumas narrativas na íntegra por considerá-las uma síntese expressiva do eixo temático abordado nas entrevistas coletivas.

Bruner (1997) também segue essa linha de pensamento, quando diz que uma interpretação das narrativas envolve conhecer nossas próprias histórias dentro dos mitos, folclore e histórias de nossa cultura.

3.3.1 Motivação e envolvimento com a Educação Ambiental

Obtivemos diferentes respostas em relação ao envolvimento dos participantes com a Educação Ambiental, porém alguns fios nos pareceram “condutores” de uma interpretação mais sistêmica, no que se refere aos subtemas extraídos dos dados. São eles: a formação inicial/acadêmica, a atuação profissional, a história pessoal de vida de cada educador/a.

O envolvimento com a Educação Ambiental mostra-se dentro de uma diversidade “vital” inscrita nas dimensões desses sujeitos-grupos em seus *saberes-fazer*es ao longo das suas trajetórias de vida e das histórias narradas, mas, sobretudo, é marcado no seu processo de formação e de atuação profissional.

Os depoimentos dos entrevistados ilustram bem essa idéia¹⁵:

[...] sou bióloga. Tenho que estar envolvida nisso, não tem como fugir, não, aliás não devo fugir.

[...] a partir da especialização, em ecoturismo, eu percebi que o trabalho que a gente faz [...] de ‘formiguinha’ é um trabalho muito importante [...] e que a Educação Ambiental está lá: no cemitério, no supermercado, na sala de aula, na sua casa.

[...] atuava em sala de aula, de 1ª a 4ª, em localidades bem no interior mesmo, escolinhas de zona rural, e foi ali que eu deparei assim com experiências de forma generalizada [...] com o agrotóxico, [...] com projetos na escola [...].

[...] eu me envolvi desde quando eu comecei a trabalhar na escola, eu não conhecia mangue [...] não sabia da importância do mangue para o meio ambiente [...]. O primeiro passo foi a ida das crianças até o mangue para retirar todo o lixo possível [...].

De maneira geral, a maioria dos depoimentos circula em torno destas perspectivas – a do trabalho e da formação profissional – mas tecem associações, atribuindo sentidos ao antes-durante-depois desses tempos-espacos de formação. Às vezes, fazem referência a um “amor” pela natureza, pela eventual mudança habitacional/profissional para uma nova comunidade, pelas redes de relações

¹⁵ Dentre as entrevistas coletivas realizadas nos Pré-encontros, destacamos alguns trechos para análise de dados. Nesse sentido, para situar o leitor, todos esses trechos serão destacados em itálico no decorrer deste trabalho e também respeitamos a fala do entrevistado.

sociais/familiares passadas de geração a geração, pela inserção/engajamento em movimentos sociais promovidos por ONGs, por trabalhos voluntários em igrejas, e até por uma responsabilidade com os problemas socioambientais do cotidiano.

Tracomé-Fabre (2003) comenta que há sempre um antes, um durante e um depois, porque nenhuma aprendizagem está isolada do movimento natural, em relação ao tempo e ao contexto. Como nos relata a professora :

[...] minha consciência surgiu da igreja, porque eu trabalho com catequese há mais de dez anos. No início de 2003, no bairro em que eu trabalho, nós sentimos a necessidade de fazer a coleta seletiva, mesmo sendo educadora eu ainda não tinha essa consciência, eu tive que mudar pra trabalhar a educação ambiental [...]. Então como é que veio? Veio a questão de preservar o que nós temos de graça, porque tudo é doação, tudo nos foi doado e nós estamos destruindo [...].

Notamos, também, que a motivação parte da militância num movimento de articulação local, com a participação em ONG ou com a formação continuada em curso de pós-graduação, de acordo com o seguinte depoimento de um entrevistado:

[...] a ONG que a gente fazia parte também tinha um trabalho, tinha um trabalho muito intenso nas comunidades, na sociedade. Nós fazíamos campanhas de reflorestamento, palestras na escola, então uma ONG muito ativa. Então eu acho que você fazendo, você pode estar orientando, cobrando e incentivando as pessoas a fazerem também [...] depois eu fiz um curso de especialização em educação ambiental e a coisa foi crescendo [...].

Essa motivação é mencionada também como uma paixão impulsionada pelo desejo de mudança da relação entre sociedade e natureza: “*Eu sempre tive vontade de mudar o mundo, eu não sabia como*”, mas também como algo que foi sendo gradativamente adquirido, por meio da atuação em instituições ambientais, na própria dinâmica do trabalho e da interação com o próprio público no cotidiano do trabalho: “*Eu vim sem nenhuma motivação, vim porque era meu trabalho*”, “*Eu comecei a fazer Educação Ambiental sem proposta nenhuma, sem motivo nenhum, foi até aqui no museu, mas eu sai daqui já com amor por aquilo*”.

Na particularidade desse envolvimento com cada um (para si), com a sociedade (para o outro) e com o meio ambiente (para todos), a presença de um outro chama a atenção e é destacada como fonte de inspiração/motivação para o desenvolvimento da Educação Ambiental. Assim,

[...] o que me motivou foi o exemplo que eu tive na escola onde eu trabalhava [...] que é o Geraldo. O sentimento com que ele fazia o trabalho na escola e desenvolvia as ações me encantou. E aí, eu me identifiquei com a causa e comecei a trabalhar com isso também (EDUCADORA AMBIENTAL).

Em alguns depoimentos, a questão afetiva foi recorrente do amor pela vida e uma sensibilidade e responsabilidade com o meio ambiente, conforme observamos no trecho a seguir:

[...] o que me levou a abraçar a questão ambiental foi o amor pela vida. Para mim quem ama a vida se preocupa com a questão do meio ambiente porque toda a questão da alimentação, da água, a saúde, é tudo meio ambiente, e se a gente não cuidar desse meio ambiente vai ficar complicado de sobreviver.

Nesses relatos, o que, muitas vezes, percebemos, é que o interesse em trabalhar uma determinada temática, parte da experiência de vida no âmbito pessoal, profissional, econômico (a entrada em um emprego, por exemplo), no social (a participação numa comunidade, numa escola, numa igreja, etc.) e no pessoal (vinculação afetiva, investimentos emocionais).

Essas narrativas trazem o entrecruzamento dos caminhos num mesmo depoimento, articulando as redes cotidianas que motivam/envolvem os sujeitos. Como exemplo, mencionamos o caso de uma *professora que trabalha numa faculdade*, desenvolveu um projeto de *pesquisa* e foi sorteada com uma *bolsa de estudos* na área de *agricultura*, com o tema ligado à *cultura da aroeira* e do *mamão*, para ser desenvolvido na entressafra do *pescado*.

Entretanto podemos afirmar que o envolvimento no trabalho parece constituir-se num poderoso agente formador, na medida em que proporciona experiências particulares e expõe a pessoa ao contato, às vezes diário, com determinadas áreas do conhecimento, solicitando uma reflexão constante sobre situações que, em outro contexto, poderiam chamar pouca atenção.

Assim, embora atuando em contextos diversos, o contato com o trabalho foi referência constante em vários depoimentos como fator de relevância na aproximação com a educação ambiental. Mesmo quando não fica claro se houve um interesse anterior sobre o tema, é na atividade profissional que esse interesse se materializa, como descrito por um dos entrevistados:

[...] o que mais motiva a trabalhar com essa questão ambiental é a necessidade de mudança no processo produtivo, em todas as cadeias produtivas. Acho que este é um dos motivos. O outro, por ter trabalhado dentro da Escola Família, talvez não tenha um tema específico mas, em todas as disciplinas, ela repassa a educação ambiental .

A Escola Família é compreendida como *locus* natural de desenvolvimento da Educação Ambiental, mas a escola em si é vista como espaço privilegiado para trabalhar essas questões, inclusive, pela crescente institucionalização da Educação Ambiental, desde a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais até a Política Nacional de Educação Ambiental. Essa compreensão foi expressa por uma das professoras ao falar:

[...] nós trabalhamos a Educação Ambiental porque a escola é centro de educação rural. É uma necessidade [...] e, como a escola também tem tema transversal educação ambiental, toda escola deve estar trabalhando [...].

Nas Escolas Família e nos Centros Integrados de Educação Rural, o foco parece deter-se sobre a atividade rural em si, já que essas instituições atuam numa linha de formação mais profissionalizante dos alunos. Conforme o entendimento de alguns participantes, a atividade agrícola e os habitantes do meio rural parecem encarnar uma vocação intrínseca para preocupar-se com as questões ambientais:

[...] temos o envolvimento dos agricultores, dos camponeses pequenos [...] os assentados que tem uma grande necessidade de debate dessas questões, necessidade mesmo. Então, eles são comprometidos com as causas ambientais.

A questão da cultura local é reforçada por essa idéia de que o ambiente rural possui uma relação mais intrínseca com o meio ambiente, suscitando nos sujeitos um envolvimento mais direto, conforme relato do entrevistado:

Talvez eu esteja errada, mas a minha visão é cultural, talvez porque eu venha do interior. Eu sempre trabalhei na terra, sempre cultivei a terra até meus 27 anos. Quando eu vim para a cidade, eu achei uma grande diferença do povo, porque talvez aquilo que é tão importante lá, para aqui não é, e o que seria para nós, tanto a educação que a gente recebeu da família, aqui é totalmente diferente, [...] por isso que sempre falo que é cultural, porque eu tenho na minha cabeça que é cultural.

O fortalecimento da identidade e do trabalho em Educação Ambiental, propriamente dito, foi citado por alguns entrevistados como um processo que tem avançado, no sentido de ampliação da atuação, antes mais restrita aos âmbitos institucionais, tanto em escolas quanto em unidades de conservação, para uma atuação mais participativa e inclusiva, no âmbito comunitário, conforme se posicionou um entrevistado: *“[...] hoje a Reserva resolveu abrir as portas pra comunidade e vem tendo um sucesso muito grande”*. A necessidade crescente de participação das instituições de ensino e das comunidades no planejamento, na tomada de decisões, foi também destacada.

Esse avanço observado em direção a uma pluralidade dos trabalhos parece estar impulsionando metodologias mais participativas, que se aproximam das abordagens interdisciplinares e transdisciplinares. Dessa forma, foram relatados movimentos de integração inter e intrainstitucional, por meio das parcerias entre diversas Secretarias Municipais e organizações da sociedade civil.

Uma outra questão que se evidencia é o atrelamento da formação da identidade do/a educador/a ambiental e, conseqüentemente, da Educação Ambiental, à atuação e à prática profissional, muito mais do que à formação inicial e acadêmica. Alguns mencionam a carência de formação específica na área, reforçando a

importância da formação continuada: “[...] me falta obviamente assim conteúdo, conhecimento teórico aprofundado, essa base, fundamentação básica do tema por não ser minha área de atuação direta” (ENTREVISTADO).

As narrativas analisadas indicam algumas pistas do conteúdo e dos fundamentos enfatizadas nos projetos/atividades/ações de Educação Ambiental desenvolvidos, como a tentativa de difundir a idéia de pertencimento à natureza e a preocupação em conservar os ecossistemas ameaçados como conteúdo e como fundamento. O aspecto transformador da Educação Ambiental e sua dimensão mais política foi levantado por apenas um participante.

Por fim, a Educação Ambiental é apontada como a área que pode superar a formação técnico-profissionalizante dos profissionais da educação e, mesmo em áreas com proposta de atuação profissional mais técnica, sua inserção é considerada desencadeadora de uma atuação mais engajada nas questões socioambientais.

De modo geral, os entrevistados descreveram um sentimento de auto-realização em relação ao trabalho que desenvolvem e aos resultados positivos que observam: “Você vai jogando realmente sementes lá fora pra disseminar a idéia que tá saindo daqui do grupo e isso é muito bom”; “Aí eu me apaixonei de vez”; “Eu gosto muito dessa coisa de Educação Ambiental, por causa desse contato direto com o público”; “Quando eu entrei na área de Educação Ambiental, que eu senti motivação de fazer e gostar do que eu estava fazendo”; “Minha história é o caso de amor é antigo”.

Narrativa expressiva do envolvimento

Das entrevistas coletivas, foram destacados alguns depoimentos, que estamos chamando de narrativas expressivas, conforme vemos no relato abaixo da educadora ambiental.

*Estou representando o CIER de Águia Branca, que é o Centro Integrado de Educação Rural [...]. Existem três escolas com essa metodologia no Estado – o CIER de Águia Branca, o de Vila Pavão e o de Boa Esperança. Para começar, nós **já formamos uma pequena rede porque fazemos o planejamento interdisciplinar juntos**. Então, a cada bimestre, nós nos reunimos e planejamos juntos a formação geral e a*

*específica, que é a parte técnica. E, na escola, **trabalhamos a Educação Ambiental, porque, no Centro de Educação Rural, é uma necessidade.** A gente, como educador, precisa estar trabalhando a Educação Ambiental, tanto na educação formal como informal. De qualquer forma, a Educação Ambiental tem ligação com a nossa vida e é de fundamental importância. Então, isto motiva a gente a trabalhar e, como a escola também tem tema transversal Educação Ambiental, todas devem estar trabalhando. E a metodologia que a gente usa é bastante diferenciada das escolas comuns de ensino fundamental. Nós temos alunos de 5ª a 8ª séries e são, praticamente, todos filhos de agricultores, de pequenos agricultores. **Uma terça parte, até cinquenta por cento são alunos de assentamento, que têm ligação direta com a terra e com a natureza.** Então, a gente tem um pouco dessa facilidade pelo contato com as famílias, com o pessoal da roça, da terra. Trabalhamos a interdisciplinaridade: no início de cada bimestre, todos os professores sentam e a gente coloca todos os conteúdos no quadro e os remanejamos, de acordo com os temas geradores, que são Água, Solo, Agrofloresta e a Questão Agrária [...].*

3.3.2 Ações em Educação Ambiental

Como você trabalha/desenvolve a Educação Ambiental? A partir dessa questão, as reflexões e os debates provocados nos grupos fizeram emergir diversidades de ações, de práticas e de públicos que se diferenciam e se caracterizam na sua cultura dentre os municípios representativos das regiões envolvidas. Existem, claro, as disparidades entre os municípios/regiões, mas tentamos extrair, a partir desse tema de análise, as principais idéias, a unidade da Educação Ambiental na diversidade de ações, a partir dos indícios das falas dos sujeitos participantes dos grupos

Sobre essa questão, foram apontadas práticas educativas envolvendo tanto escolas como comunidades. No entanto não há um distanciamento visível entre esses dois contextos; há sim, menção de esforços significativos na tentativa de envolver a comunidade externa às escolas (famílias dos alunos). Ao contrário, há uma tentativa de articular as ações desenvolvidas nas escolas com as da comunidade. Em uma dada região, a preocupação é de se fazer um trabalho coletivo e cooperativo entre ONGs, Superintendência Regional de Educação, Prefeituras, Consórcio, Polícia Ambiental e demais lideranças comunitárias locais.

As atividades socioeducativas, como as definimos em nossa análise, variam entre palestras e visitas monitoradas que “convidam” os participantes a uma ambientação do aprendizado, entrando em contato com a realidade do ambiente/ecossistema em

discussão; passando-se, também, pela pesquisa científica, pela pedagogia do projeto, pelo cadastro de certo público atingido, por aulas expositivas e pelo envolvimento com as lutas comunitárias, sejam em intervenções planejadas, sejam conjunturais, estão sempre atentas realmente à dinâmica cotidiana das comunidades.

De modo geral, os temas entre escola-comunidade têm ênfase em aves, paisagem, agricultura orgânica, segurança do trabalho, com uma abordagem social junto a crianças carentes e populações tradicionais, com enfoque em manifestações culturais. Ainda, em termos de conteúdo, trazem uma importante preocupação com os resíduos sólidos e reciclagem, desmatamento, reflorestamento da mata ciliar, recuperação do Rio Doce, preservação, conservação ambiental e o desperdício da água. Em alguma região onde o problema é mais evidente, observamos a inserção mais presente da coleta seletiva do lixo, dos recursos hídricos e dos problemas envolvendo agrotóxicos.

Na diversidade das preocupações temáticas entre as práticas realizadas, os conteúdos temáticos recorrentes em uma dada região foram: a conceituação de meio ambiente, resíduos sólidos, reciclagem de pneus e de outros materiais recicláveis, reaproveitamento alimentar, higiene e saúde. Esses temas são mencionados pela sua abordagem transversal nos currículos e em *espaçostempos* fora da escola.

Quanto às ações para o desenvolvimento dos temas, são repertórios comuns e prioridade dos sujeitos em suas práticas de Educação Ambiental: elaboração de projetos, programas, organização de eventos, de atividades artísticas e culturais, principalmente teatro, palestras, visitas monitoradas a áreas naturais, cursos, exposição de fotos, trilhas interpretativas, campanhas educativas e divulgação pelos meios de comunicação.

Os públicos referidos foram professores, alunos, agricultores e a comunidade em geral. Em algumas escolas, como as escolas Famílias ou Centro Integrados de Educação Rural (CIER), trabalham temas geradores, baseados na metodologia de

Paulo Freire, com um movimento em direção à interdisciplinaridade e a uma Educação Ambiental crítica.

Essa proposta educativa rompe com a educação tecnicista, difusora e repassadora de conhecimentos. A educação é mediadora do processo de construção social, de conhecimentos implicados na vida e na história dos sujeitos, como defendia Paulo Freire Segundo Carvalho (2004).

Na tentativa de contemplar a diversidade e de modo a organizar melhor essa análise, distinguimos dois aspectos complementares nas narrativas dos sujeitos: as concepções filosóficas de Educação Ambiental e o *modus operandis* das ações/atividades desenvolvidas como já foi mencionado.

Das concepções filosóficas emergem sentidos e representações que percorrem todo um lastro de ligação ambiental, desde aqueles que manifestam sua “paixão” e respeito pela natureza, com os elementos naturais, por seu valor intrínseco, incluindo os que defendem um embate direto com a justiça, até aqueles voltados a uma idéia antropocêntrica, conectada com a lógica da utilização dos recursos e da “humanização da urbanização” (ou vice-versa).

Os representantes da REBIO de Sooretama (IBAMA) e os participantes do Projeto Tamar, por exemplo, enfatizam a perspectiva da sustentabilidade como fundamento filosófico de seus trabalhos/ações, sendo o público do Tamar as comunidades costeiras e o da Rebio os produtores rurais da região. Pelas palavras dos/as próprios/as educadores/as, podemos assim exemplificar:

[...] Parte do conteúdo que é referente a mata atlântica [...] recuperação de área degradada, é conteúdo de 7ª série, da disciplina de técnicas agrícolas [...]. O aluno vai ao viveiro, entende qual a importância de se ter uma mata ao redor de uma nascente, ele aprende.

[...] Minha concepção [...] é educar as pessoas a conviverem em um ambiente saudável, [...] conservar para as futuras gerações o usufruto que hoje nós temos em vida [...].

[...] Minha concepção são as nossas vivências [...] não desperdiçar [...] mantendo algum verde na proximidade da nossa casa.

[...] Eu entendo a Educação Ambiental como uma tarefa, uma atividade, uma ação de sensibilização e conscientização.

Observamos, em alguns fragmentos da narrativa de um entrevistado, que desenvolveu nas escolas da região a preparação para a Conferência Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente,¹⁶ o trabalho com as responsabilidades levado muito a sério pelas escolas que aderem a essa proposta, de acordo com a educadora:

[...] outro dia a gente estava discutindo quando estava trabalhando e a gente viu que saíram umas responsabilidades maravilhosa. [...]. A gente acha que isso não deve ser só pontual, que o sujeito tem que reforçar na escola, ultrapassar naqueles momentos, então a gente tem necessidade de dar uma amplitude maior nisso daí. Colocar a responsabilidade mesmo para ser trabalhada, despertar isso na escola, não é só um momento pontual, é uma cultura e a gente tenta ver se consegue trabalhar nesse sentido. Não só isso [...], a gente reforça os projetos educacionais, os projetos políticos-pedagógicos [...] pede para colocar a questão ambiental em todas as disciplinas. Então nesse ponto a gente está caminhando para a educação.

Na opinião de alguns participantes, destaca-se a necessidade de tratar esses projetos dentro de uma abordagem permanente e contínua, dando-lhes uma característica mais institucional do que como uma atividade isolada, individual, empenho pessoal ou engajamento profissional. Assim: “[...] eu vejo necessário que nas escolas, esses projetos não sejam do professor, mas projeto da escola” (FALA DE UMA EDUCADORA).

A elaboração de projetos destaca-se como principal metodologia de trabalho nas escolas representadas. A grande maioria dos educadores citou a participação em ações cotidianas relacionadas com o desenvolvimento de projetos escolares com abordagens interdisciplinares. De acordo com as narrativas, em geral, o processo interdisciplinar parte de planejamentos individuais e não coletivos. Essa forma de

¹⁶ As Conferências Nacionais Infante-Juvenis pelo Meio Ambiente têm como objetivo geral mobilizar, educar e ampliar a participação popular na formulação de propostas para um Brasil sustentável, fortalecendo o Sistema Nacional do Meio ambiente (SISNAMA). Na II Conferência Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente, que teve como temas: Biodiversidade, Mudança climática, Segurança Alimentar e Étnico-racial, a escola envolvida deveria optar por um tema e/ou mais de um, escolhendo, assim, uma responsabilidade e ações para desenvolver a temática escolhida.

organização pedagógica foi questionada pelos participantes e críticas apontaram diversas dificuldades, por exemplo: a falta de adesão aos projetos por esses ainda representarem, para alguns educadores, excesso de trabalho, dificuldade na realização das ações educativas em Educação Ambiental e a ausência das condições favoráveis ao planejamento coletivo, conforme demonstra o depoimento desse entrevistado: *[...] Apesar de que muitas escolas pensam em quantidade de aula, e você não pode parar uma aula para poder planejar isso. Não pode se sentar em grupo para fazer. É difícil mas a gente deve tentar nesse sentido”.*

Um dos depoimentos, contrapondo as dificuldades enfrentadas pelos professores na articulação dos projetos interdisciplinares, demonstrou uma visão da atuação docente como missão de vida: *“[...] nós precisamos de profissionais que vão além, que fazem da sua profissão uma missão, enquanto missão da tua vida, você perceber isso num todo”.*

O fato de ser uma tendência nas escolas representadas não impediu que o desenvolvimento de projetos como prática pedagógica fosse questionado por diversas razões, pela sua transitoriedade e por apresentar resultados “fictícios”, como sugere a fala de uma professora em tom de autocrítica, acaba produzindo ou reproduzindo lixo e, por muitas vezes, caracteriza somente uma relação produtivista do trabalho ou uma forma de prestação de contas do docente, como pode ser observado nos trechos a seguir: *“[...] as vezes você desenvolve um projeto, fotografa o projeto e depois você não sabe o que você vai fazer com todo aquele trabalho”* (ENTREVISTADO). E ainda:

[...] a gente é cobrado pelos representantes legais [...]. Você tem que mostrar o que você está desenvolvendo para provar o que você está fazendo. Mas aí, quando você vai expor o trabalho, produzir os cartazes, pressupõe que houve todo um trabalho desenvolvido até você fazer aquilo que é parte da avaliação final. [...] existem muitos trabalhos fictícios, só de fotos. [...] a gente também produz lixo, coisas que poderão ser usadas (EDUCADORA).

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente, representada em um dos grupos, conforme seu subsecretário, atua a partir de projetos escolares, principalmente por ser do interesse do município conquistar o selo do UNICEF. Alguns dos projetos já

estavam delineados, porém não atendiam às especificidades da Educação Ambiental. Então, como a Secretaria não dispunha de uma equipe multidisciplinar, solicitou a ajuda dos professores para construir a parte pedagógica dos projetos e adequá-los à aplicação em escolas. Essas professoras foram selecionadas a partir da realidade ambiental e do tipo de atividade predominante na comunidade em que se localizam, além de serem aproveitados os trabalhos que seus professores e alunos já realizavam.

Projetos também emergem fora da escola e interagem com ela levando as instituições de ensino a se articularem em parcerias que resultam em palestras, oficinas e cursos oferecidos por empresas com projetos específicos, como é o caso do Projeto Educacional Gênesis da Arcelor-Mittal Tubarão e de um projeto de Coleta Seletiva.

Além dos projetos escolares, outras estratégias são relacionadas como práticas eventuais ou integrantes de projetos desenvolvidos por outros atores sociais, como a exibição de vídeos envolvendo comunidade, promovida pelo projeto Cineclube, visitas domiciliares, palestras, oficinas, mutirões de limpeza, participação em caminhadas, pesquisa sobre a história do lugar e criação da sala verde tendo como referência o projeto Sala Verde do MMA.

Além disso, os depoimentos apontam a implantação de projetos que envolvem os próprios alunos, além de suas famílias. Nessa mesma perspectiva de projetos com as comunidades, declara trabalhar o Instituto Hidrográfico e Ambiental da Bacia de Itaúnas, cujos principais focos são “[...] recursos hídricos e conservação, a *idéia maior é qualidade de vida e desenvolvimento sustentável*”. O Instituto articula parcerias com outras instituições (públicas e privadas) para desenvolver projetos, como cadastramento de usuários e condução de irrigação (com a UFES), agricultura orgânica (com a CST), com a montagem de infra-estrutura (convênio com a PETROBRAS).

Embora haja declarações no sentido de apontar que alguns convênios são marcados pelo interesse dessas empresas na região, um dos entrevistados ressalta

que o Instituto está aberto a parcerias, já que são necessárias para sustentar os projetos:

[...] acho que é importante divulgar aquelas empresas que, apesar de terem seus passivos e precisarem cumprir estes passivos [...] estão direcionando no caminho correto, onde se pode fazer os aproveitamentos e onde ela está sendo útil [...]

Observa-se que já acontece, em uma dada região, uma dinâmica de conectividade própria, uma articulação entre instituições e pessoas para uma atuação mais enredada, conforme expresso no relato a seguir:

[...] então a gente resolveu trabalhar em rede, ao invés de trabalhar sozinho, trabalhar com o conselho da fauna Goitacazes, com a Rebio de Sooretama, com o projeto Tamar, para poder juntar os nossos trabalhos e as coisas ficarem mais abrangentes.

Alguns professores expuseram também a dificuldade concernente à introdução de estratégias diferenciadas de ensino, no planejamento das atividades de Educação Ambiental em sua disciplina, como excursões e apresentação de vídeos, por se sentirem mal interpretados por alguns dos colegas, conforme sugere o depoimento de um professor:

[...] essa questão da gente sair da sala de aula, fazer uma aula no meio do mato ... Todo professor de Biologia é chamado de professor turista. Porque leva um vídeo pro aluno assistir, já falam que está enrolando, já falam que é turista, essas coisas...

No imaginário da sociedade em geral ainda predomina uma concepção tradicional da educação, ou seja, uma tendência que considera a educação simplesmente como transmissão de informação e de conhecimento, de uma realidade socioambiental fragmentada que dissocia a cultura da natureza, a sociedade da natureza. Isso interfere diretamente nas práticas da Educação Ambiental que luta na contra-hegemonia dessa concepção.

No que se refere às práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, as atividades mais lúdicas (como teatro, música, jogos, filmes) são alternativas de formação de uma racionalidade emocional e estão presentes na atuação de alguns educadores. Um exemplo é a Mostra de Vídeos Ambientais da própria região, como é o caso do MoVA Caparaó, assim considerado por uma participante da região:

O MoVA é uma mostra itinerante de curtas ambientais. Então, é um momento onde a Serra tem uma mostra competitiva e tem vídeos nacionais e internacionais que vêm para o evento mostrar que está sendo feito material audiovisual para trabalhar Educação Ambiental de forma lúdica [...] são filmes que tratam a questão ambiental.

No relato de uma outra entrevistada, aparece o trabalho de Educação Ambiental por meio da manifestação artística musical:

Lá na minha cidade, eu trabalho muito com música nessa questão ambiental e eu acho que educa muito as crianças e os pais, porque as crianças levam, fazem a apresentação. Os pais vão assistir e através disso a gente conscientiza as pessoas da importância do meio ambiente, do projeto de vida, para uma vida melhor.

Uma outra perspectiva foi considerada por um grupo/ativista de ONG que defende o papel denunciador dos educadores/as em relação aos crimes ambientais da região, como forma de mobilizar a sociedade e acionar o Ministério Público e outras instituições pertinentes em torno dos problemas ambientais. Conta, inclusive, com assessoria jurídica.

Dentre as práticas citadas, notam-se concepções teórico-metodológicas diversificadas de Educação Ambiental, abordando enfoques variados: cognitivo, sensorial, afetivo, intuitivo, simbólico, sistêmico, reflexivo e moral/ético. Exemplificamos alguns dos enfoques citados a partir dos depoimentos colhidos e reproduzidos a seguir:

O principal objetivo de se ensinar Educação Ambiental agora na atualidade é mostrar para o cidadão, jovem, criança, adulto, o que é benefício e o que é malefício.

[...] é olhar ao seu redor de outra maneira, não só ao seu redor, mas dentro de si mesmo, porque Educação Ambiental tende também pra essa parte do conhecimento.

Sou catequista, mas dentro da catequese nós trabalhamos muito a questão do meio ambiente... levar a criança a pensar na beleza que Deus criou e o homem está transformando.

A verdadeira Educação Ambiental [...] eu vejo um modelo muito simples que eu gostei muito, é um modelo de tecido celular, que é aquele modelo em que a educação ambiental não pode estar voltado só pro lado ecológico, o lado econômico, o lado da tecnologia e o lado da ética, a gente tem que eu amarrar todos esses grupos, então não dá pra fazer só dentro da escola, tem que sair pro bairro, igual o colega falou.

Sem lançar sobre essa constatação juízo de valor, podemos referendar que há, nessas diferentes inserções profissionais, um modo de pensamento e atitudes fundamentadas numa perspectiva do combate ao desperdício e da busca pela *sustentabilidade*, entretanto não foi marcadamente explícita uma tendência, corrente ou paradigma que pudesse representar os conceitos ali manifestados.

Interessante é a elaboração de um diagnóstico em uma dada região, como primeira etapa do processo educativo, ou seja, a necessidade primeira de conhecer a realidade para depois realizar a intervenção. Essa iniciativa passa pelas ações tanto de órgãos ambientais como de ONGs, como nos projetos escolares.

Quanto à tendência de se considerar a Educação Ambiental como uma disciplina, notamos que, por alguns participantes, ela foi associada ao ensino de Biologia de 5ª a 8ª série. Na opinião de outros, a Educação Ambiental deveria tornar-se uma disciplina e, por fim, alguns afirmaram que todas as disciplinas deveriam ensinar Educação Ambiental. Foi recorrente a discussão de como deveria ou não deveria ser a Educação Ambiental, notando-se um imaginário impregnado de uma Educação Ambiental ideal. Por outro lado, foi unânime a visão de que a Educação Ambiental deve iniciar-se bem cedo na formação escolar, no ensino infantil e no berçário.

Eu acho que a matéria Biologia em si de 5ª a 8ª série, deveria estar ensinando Educação Ambiental, porque é relacionada a tudo.

Todas as disciplinas devem ensinar Educação Ambiental, tudo está amarrado. Mas dizem: 'Eu num sei nada de Educação Ambiental, não sei como fazer'.

[...] “eu trabalhava com 1ª e 2ª séries e desde esse momento a gente já via a importância de viciar nossas crianças em uma cultura ambiental [...]. Então quer dizer, é uma questão de hábito a educação, e tem que começar desde muito cedo, para quando chegar no segundo grau a pessoa estar tão habituada que para ela é normal.

Foi comum notar a mudança de percepção/attitudes e comportamentos nos alunos como indicador de resultado das ações e práticas desenvolvidas por professores/as.

Narrativas expressivas da ação

Dentre as ações em Educação Ambiental, destacamos o seguinte relato de experiência de um educador ambiental caparaense:

*Porque a escola precisa de um respaldo. **Para um professor hoje estar aqui, ele teria de ter o respaldo do diretor**, até ele dar o dinheiro dele do ônibus para ele vir, ou conseguir com a Prefeitura Municipal um carro pra trazer ele aqui. Se esse convite sai da Superintendência, ele chega na escola com outra cara. Se o Consócio do Caparaó convidar, o diretor não tem respaldo pra deixa esse professor vir aqui, porque ele segue o que o superintendente fala.*

[...] Estou subsecretário de Meio Ambiente. Primeiramente, a Secretaria de Meio Ambiente tem um ano e meio: antes ela era agregada à Secretaria de Cultura. Ela tem pouco tempo de vida, mas o secretário de Meio Ambiente é muito técnico e muito objetivo naquilo que faz. [...] então a Secretaria de Meio Ambiente tem desenvolvido [projetos] com as escolas e municípios, até porque temos a intenção de conseguir o selo do UNICEF e a área ambiental dá maior facilidade para conseguir este selo. Estão sendo implantados 11 projetos em 11 escolas, em fases diferentes: alguns já estão implantados, outros estão sendo e outros estão no papel, porque a Secretaria disponibilizou a parte técnica, mas a parte pedagógica não existia, pois nós não temos ainda uma equipe multidisciplinar (pedagogos, professores) [...] a gente depende de outros professores ajudarem na parte pedagógica do projeto [...]. A gente direcionou o trabalho que os professores tinham. Eles foram convocados para uma reunião na Secretaria de Educação e as supervisoras que disseram: ‘lá na escola, a gente já trabalha um pouco com isso ou com isso’. Ou pela região. Por exemplo, o pessoal de São Cristóvão – bairro onde se localiza o pólo industrial – não tinha porque pegar [o projeto de] resíduo hospitalar, se o hospital está aqui embaixo. Então, eles ficaram com [o projeto de] resíduo de granito. E eles já desenvolviam alguma coisa também por causa da proximidade da área do projeto [...].

3.3.3 Referências em Educação Ambiental

As referências, de modo geral, apresentam uma multiplicidade de experiências com características às vezes similares e outras bem distintas entre as diferentes regiões do Estado. São exemplos que têm repercussão nacional e tantas outras experiências de vida que atravessam as práticas desses sujeitos. Mesmo assim, na interpretação das narrativas, há indícios interpretativos nas respostas que conferem a essas práticas uma identidade cultural singular, capixaba.

Portanto, essas referências ficaram mais concentradas e baseadas em ações locais mesmo, com projetos e ações marcantes, que contribuem para a promoção da Educação Ambiental contextualizada com a realidade das escolas e das comunidades, desenvolvida em níveis municipal, regional e nacional.

Essas referências fundamentam-se em ações realizadas, basicamente, pelas Prefeituras ou Secretarias Municipais de Educação, por fundações ou instituições públicas e privadas que se envolvem com a Educação Ambiental e com a responsabilidade social (UFES, Arcelor-Mittal Tubarão, PETROBRAS, SAMARCO, Bahiasul, Aracruz Celulose, Findes), por aquelas que desenvolvem projetos (Projeto Tamar, o Pró-Reciclagem, Araçá e o Zé Bahia), por organizações não-governamentais (Amar Caparaó, AGUAPAM) e por ações desenvolvidas pelo Ministério da Educação que chegaram aos municípios (“Projeto de Educação Chico Mendes”, Programa Vamos Cuidar do Brasil e a Conferência Infanto-Juvenil para o Meio Ambiente). Além disso, foram também mencionadas pessoas engajadas, partidos políticos (o único citado foi o Partido Verde), as associações de cunho ambiental (Associação Nova Esperança, de abrangência regional, os Amigos do Jardim Botânico, de abrangência nacional e o Greenpeace, internacional).

Como norteador de propostas ou como contextos de aprendizagem da Educação Ambiental ou como ecoturismo, são citados espaços ou unidades de conservação, como o “manguezal do nativo”, o Parque Estadual de Itaúnas, a Reserva Florestal da CVRD (em Sooretama), a Reserva Biológica Córrego do Veado. Essas e outras unidades de conservação são consideradas potencializadoras da relação com as paisagens naturais da região. Algumas organizações, com base na gestão ambiental

compartilhada, também são referenciais importantes: os Comitês de Bacia Hidrográfica, o Consórcio do Caparaó.

A participação em cursos de formação continuada ou de formação em serviço é um outro elemento de referência importante na atuação. O exemplo disso é a presença marcante de um grupo de educadores ambientais que iniciaram sua trajetória na década de 90, com um curso oferecido nos Fóruns itinerantes do Consórcio.¹⁷ Para as pessoas do grupo, articulações, como as do Consórcio e a formação de redes locais, são pontos de início e de chegada para os que gostam, desejam e continuam a trabalhar com a Educação Ambiental no cotidiano, a exemplo do relato a seguir, de um educador caparaense.

Eu penso que nós temos um referencial enorme. Além dos professores, nós temos também projetos e ações locais. Aqui mesmo, na nossa região, até mesmo pela presença da serra, do grande investimento, a grande preocupação, a grande frente que a gente tem já aqui de luta, de busca, de formas de trabalhos ambientais que serve de referência muito grande até mesmo assim, os professores contribuem, colaboram com isso. Então a gente percebe que não tem uma rede de pensar, de contatos, mas essa intertroca já acontece aqui na região com projetos, e com ações locais e a gente tem visto que tem sido referência.

A idéia de rede aqui é destacada com um sentido diferenciado, num movimento de troca, de articulações que ultrapassam qualquer necessidade de formalização para acontecer.

Foram muitos os fios tecidos sobre essa questão que, obviamente, não está isolada dentro de um contexto maior de engajamento e atuação, mas envolvida com as questões anteriores, a motivação e a ação. O depoimento abaixo é um indício dessas múltiplas referências que se tem da Educação Ambiental:

A presença da Dalva na Serra há bastante tempo, a presença das ONGs que a gente tem por aqui e os trabalhos que vocês vêm. Quem mais tem nos ajudado é a AMAR Caparaó [...], o Consórcio Caparaó tem sido

¹⁷ Esses fóruns itinerantes aconteceram na década de 90, percorrendo alguns municípios da região do Caparaó. Nesse processo, emergiu dos fóruns a necessidade de se promover um curso de formação de educadores ambientais. Nesse sentido, observamos que o Consórcio do Caparaó tem uma amplitude de relação em rede, com visibilidade e socialização entre os educadores ambientais da região.

até mais organizado no seu trabalho a ponto de ver resultados, de dar retorno, uma coisa mais organizada do que a AMAR Caparaó. Enquanto a AMAR tem nos dado bastante referência por estar lá na Serra e a gente saber que tem lá um pessoal que faz esse trabalho e isso tem sido referência pra nós. Mas, para trabalhar mesmo conosco, como referência que dá resultado mesmo, é o Consórcio Caparaó. O trabalho da Dalva tem sido muito sério aqui com a gente. E os projetos com as suas ações locais, essa intertroca que a gente nem sabe mais dizer, os professores/educadores ambientais daqui fazem acontecer, sim [...] (EDUCADOR CAPAROENSE).

Um outro aspecto que chama a atenção é o significativo enfoque de um determinado grupo à dimensão cultural da região. A identidade cultural é concebida como fator de ligação com a realidade local e de orgulho, conforme o fragmento da narrativa abaixo:

Serra do Caparaó tem uma história maravilhosa, o resgate histórico que está tendo em cima disso aí. Os educadores ambientais, essas ONGs, como o AMAR Caparaó e outros que fazem o resgate [...] é uma referência pra gente. Chamar isso aqui de umbigo do mundo é bom demais, não é?! Imagina, os índios que moraram ali e estão começando a voltar. Isso tudo para a gente é um referencial incrível [...] para a Educação Ambiental, e as pessoas já estão se familiarizando mais com isso [...]. É um trabalho novo, é de longo prazo, é um processo mesmo, mas as pessoas já estão entendendo. Esses projetos que estão saindo lá de cima, de Santa Marta, nas escolas de lá, que até ganhou no MoVA alguma coisa [...] a gente vê que é o trabalho de uma escola que se preocupa com esse aspecto histórico de lá também.

Como procedimentos e estratégias para ações de Educação Ambiental e como grande possibilidade de integração entre a escola e a comunidade, a Pedagogia da alternância é bem expressiva nos depoimentos dos professores das escolas-família e, como fundamentos teóricos de outro grupo mais próximo a uma realidade mais urbana de atuação, citam a Teoria de Gaia e a Pedagogia da Mata. A vocação agrícola de algumas regiões justifica e naturaliza a inserção da Educação Ambiental nas escolas, como uma demanda mesmo da realidade social e ambiental local.

Alguns depoimentos sugerem que, embora haja planejamento prévio, principalmente pedagógico, há uma grande valorização das atividades práticas com moradores, com encontros de formação, passeios ciclísticos, plantio de árvores. Paralelamente, há o apoio da literatura especializada, conforme declara um dos entrevistados: “[...] então a gente tem como referencial a necessidade de mudança nas famílias [...]. Depois a gente tem o teórico, as literaturas, que são referências para quem precisa se informar [...]”.

Na Região Metropolitana, observamos que as referências são menos localizadas ou mesmo contextualizadoras e são citados livros em geral, livros didáticos, publicações de empresas, vídeos, fotografias, legislação ambiental, a Constituição Federal e alguns sítios na internet:¹⁸ Como referências de autores, foram destacadas Walter Có e Isabel Cristina de Moura Carvalho.

Uma questão interessante abordada em um grupo foi o depoimento de um participante cobrando o papel e o envolvimento da Igreja na luta ambiental: “[...] a Igreja tem que se envolver nisso daí. [...] mas você não vê nenhuma Igreja falando em meio ambiente, você não vê quase nada”.

Em última análise, as dificuldades encontradas para viabilizar as ações é a captação de recursos para a Educação Ambiental, no caso de instituições públicas, conforme depoimento de um educador: “[...] a Educação Ambiental é algo que se fala muito hoje, só que, na prática, é sempre a última da última. Quando você tem que investir algum recurso em Educação Ambiental, vai deixando e se, sobrar, vai para Educação Ambiental”.

Assim, com motivações, metodologias de trabalho e referências diversificadas, esses educadores ambientais seguem seu ritmo e, dentro das especificidades do seu campo de atuação, desempenham papéis e ocupam *espaçostempos* diversificados que entendem como seus na dinâmica dos grupos que compõem.

Narrativas expressivas de referências em Educação Ambiental

Então da referência do Mova é interessante a gente colocar que são os alunos que fazem os vídeos, que tem as idéias e da onde que sai, quem são as referências? São os educadores que, desde 98, no primeiro encontro de educação ambiental, estão lá. Então, pra gente, quando a Lurdinha coloca que esse movimento de pessoas aqui no Caparaó é muito importante, é mais importante aqui no Caparaó as pessoas, aí não são só os professores, temos também guias, produtor rural, comerciante, todas essas pessoas, todos os atores que nós temos. Os catadores de lixo que fazem um trabalho maravilhoso de Educação Ambiental e essas pessoas são referências pra gente mais importante do que material impresso, qualquer especialista, Phd em educação ambiental. Então, pra

¹⁸ Por exemplo: www.ambientebrasil.com.br; www.ibama.or.br; www.wwf.org.br; www.sosmataatlantica.com.br; www.mma.org.br.

gente aqui, as referências são, você pode perguntar em qualquer momento, sempre que tem um evento de Educação Ambiental ou de desenvolvimento sustentável ou alguma coisa interessante no município, nos 11 municípios da região do Caparaó, se você for olhar, por trás, há um educador ambiental.

Eu tenho referências que não é a mais importante, mas acaba sendo importante porque está constante. A gente tem, na região da Serra, um grupo grande de pessoas que tiveram uma capacitação em Educação Ambiental. Então, são educadores ambientais da região, mas por 'n' motivos nem sempre é possível estar envolvidos nessas ações diretamente na Educação Ambiental e às vezes elas são feitas, mas não mostradas como a gente tava vendo. Algumas ações estão acontecendo e a gente não está sabendo, mas uma coisa importante é que, pra mim, a referência é saber que existem pessoas desse grupo que vivem no seu dia-a-dia, não é em uma ação pontual e nem em uma realização de uma palestra. Perceber que a gente está às vezes à frente do tempo, e a gente sabe que sempre foi assim, é histórico, quem está a frente do seu tempo com uma idéia revolucionaria toma cacetada. A gente sabe que é assim na Medicina, com os filósofos e idealistas. Ver que essas pessoas estão fortalecidas, é um motivo, uma referência pra mim de continuar a fazer aquilo que eu acredito saber que essas pessoas como eu procuram se capacitar, se habilitar um pouco mais. Então, na medida do possível, muitas pessoas não puderam estar aqui hoje e gostariam de estar, e tem outras que poderiam estar e não estariam à vontade, ou então pedem para não participar. É como a proposta da colega, eu não estou ali porque alguém está me injetando uma informação, eu quero estar ali. Tudo isso é uma referência para mim, ver que tem gente da serra próxima fazendo trabalho, acreditando que é possível sensibilizar um pouco a sociedade para a questão sociambiental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa em Educação Ambiental objetivou uma discussão sobre a o perfil da Educação Ambiental no Espírito Santo e pôde revelar diversas características, formas e descrições teóricas sobre a estrutura e funcionalidade desse campo de saber no contexto capixaba.

Na diversidade em que ocorrem, caracterizam-se, em geral, por interfaces (e interlaços) envolvendo as áreas educacionais, de gestão de meio ambiente, cultural e de ação social, dentre outras, mas refletem, de certa maneira, sua própria história, diferentes e renovados saberes e também narrativas peculiares desse “serestar”, para além do que pudéssemos classificá-la tão-somente como “profissão”.

Esta nossa análise reconhece a Educação Ambiental como um *saberfazer* marcado pelo envolvimento pessoal-profissional e, em geral, relativo à formação desse sujeito, ou seja, da forma como ele/ela articula a ciência com o senso comum e recria constantemente sua história, sua militância, mistura a “vida” com processo produtivo e busca por felicidade, mais caberia reconhecer a Educação Ambiental como “profissão de fé”, válida somente para os/as educadores/as ambientais – assim conhecidos entre si como os “profissionais da área” – ou envolvendo os/as ambientalistas, no seu papel social de agente da educação em geral, como poderíamos dizer.

Em termos metodológicos, foi de relevante interesse para esta pesquisa diagnóstica nosso reconhecimento da área em questão, identificando atores sociais, as comunidades e os sujeitos engajados e praticantes, as iniciativas existentes em Educação Ambiental. A vivência da organização em rede, das visitas realizadas nas regiões, da coletividade, da capilaridade, da articulação das lideranças contribuiu para ampliar nossa base de dados e realizar novas articulações. Assim, a visibilidade e a ampliação da malha da RECEA Ambiental, com a formação de novos elos facilitadores foram proporcionadas pela realização dos cinco pré-encontros.

Muitas diferenças detectadas nessas regiões, em termos do trabalho realizado, do perfil dos/as educadores/as, estão relacionadas com os recursos da região e da própria oferta de cursos de graduação ou de pós-graduação. Não queremos apontar verticalidades, nem níveis, mas existem disparidades entre os municípios das regiões que possuem universidades, faculdades, institutos, museus e uma visível necessidade de se investir mais na formação dos educadores/as do que nas ações (projetos, programas e atividades). Isso foi reforçado em todos os sentidos pelos educadores/as como uma demanda explícita.

Poderíamos dizer, ainda, que existem algumas especificidades que marcam as diferenças de perfil, de ações e de atividades pelos depoimentos e respostas dos educadores envolvidos no diagnóstico. Sem querer estabelecer uma tipologia, mas tendo em vista a compreensão melhor desse perfil, existem um grupo mais qualificado em termos de Educação Ambiental, inserido no seu movimento e na sua história, que se caracteriza por ser mais ativo, engajado e participativo; um segundo perfil seria o de um grupo mais ou menos interessado, mas que ainda não incorporou a Educação Ambiental totalmente em sua prática educativa; e um terceiro grupo não tem envolvimento, nem cooperação, mas atua, eventualmente, ou quando solicitado, em sua prática profissional. De qualquer modo, percebe-se uma falta de acesso a referenciais extremamente significativos da Educação Ambiental brasileira, ou mesmo de documentos históricos na sua trajetória, como é o caso do Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global, que poderia contribuir para o aprimoramento do trabalho local.

O interesse na realização desta pesquisa não foi julgar se os fazeres da Educação Ambiental no Estado estão em uma tendência ou em outra, ou a sua eficácia em procurar regras universais ou taxativamente objetivantes para o trabalho em Educação Ambiental. A proposta da pesquisa qualitativa foi compreender os eventos humanos por meio das suas narrativas, em seus contextos, de forma a deixar espaço interpretativo e de reflexão para o leitor.

Essa realidade aponta que temos um grande potencial para fortalecer e aprofundar as raízes da Educação Ambiental na educação escolar, como um contexto privilegiado de atuação, tornando-a parte indissociável dos conteúdos e das

atividades ministradas pelos professores e, conseqüentemente, da formação de atitudes nos alunos. Para que isso se efetive, alguns fatores são urgentes, como o estabelecimento de diretrizes políticas de Educação Ambiental que contemplem os anseios da sociedade.

5 REFERÊNCIAS

- 1 BRUNER, Jerome. **Actos de significado**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- 2 BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- 3 COSTA, Larissa.; MARTINHO, Cássio.; FECURI, Jorge. **Redes: uma introdução às dinâmicas de conectividade e da auto-organização**. Brasília: WWF- Brasil, 2003.
- 4 FASSARELLA, Roberta Cordeiro. **Um diferencial na cidade: encontros e eventos de Educação Ambiental: espaços com-ver-gentes de mobilização e participação social**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.
- 5 GATTI, Bernadete A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.
- 6 GONZÁLEZ, Soler; LACERDA, Ana Braga de. **Políticas públicas em Educação Ambiental**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 3., 2004, Vitória. **Anais do III Encontro Estadual de Educação Ambiental / I Encontro da Rede Capixaba de Educação Ambiental**. Vitória: RECEA/UFES, 2006.
- 7 HART, Paul. Narrativa, conhecimento e metodologias emergentes na pesquisa em educação ambiental. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 15 - 38.
- 8 TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes**. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2004.
- 9 _____. Rede Capixaba de educação ambiental: novas formas de viver e pensar coletivamente. In: ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 3., 2004, Vitória. **Anais do III Encontro Estadual de Educação Ambiental / I Encontro da Rede Capixaba de Educação Ambiental**. Vitória: RECEA/UFES, 2006.
- 10 LAROSSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- 11 LEIS, Héctor. Um modelo político-comunicativo para superar o impasse do atual modelo político-técnico de negociação ambiental no Brasil. In: CAVALCANTI, C. (Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997.

12 TRACOMÉ-FABRE, Helene. Reaprender a complexidade. In: CARVALHO, Edgard de Assis; MENDONÇA, Terezinha (Orgs). **Ensaio de complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Sites consultados:

http://www.ijsn.es.gov.br/follow.asp?urlframe=cartografia/mapas_download.htm

APÊNDICE

APÊNDICE - FOTOS DOS PRÉ-ENCONTROS REGIONAIS



Foto 1: Pré-Encontro São Mateus



Foto 2: Pré-encontro Linhares



Foto 3: Pré-encontro Nova Venécia



Foto 4: Pré-encontro Santa Teresa



Foto 4: Pré-encontro Guaçuí



Foto 5: Pré-encontro Cariacica

ANEXO

ANEXO – REGIONALIZAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

REGIÃO DE PLANEJAMENTO (Macrorregião)	REGIÃO ADMINISTRATIVA DE GESTÃO (Microrregião)	MUNICÍPIOS
1 - METROPOLITANA	1 - METROPOLITANA	Vitória Vila Velha Cariacica Serra Viana
	2 - METRÓPOLE EXPANDIDA NORTE	Fundão Ibiraçu João Neiva Aracruz Linhares Rio Bananal
	3 - METRÓPOLE EXPANDIDA SUL	Guarapari Anchieta Piúma Iconha Itapemirim Alfredo Chaves
	4 - CENTRAL/SERRANA	Domingos Martins Marechal Floriano Santa Leopoldina Santa Maria do Jetibá Santa Teresa Laranja da Terra Afonso Cláudio Conceição do Castelo Venda Nova do Imigrante
2 - NORTE	5 - LITORAL NORTE	Jaguaré São Mateus Conceição da Barra Pedro Canário
	6 - EXTREMO NORTE	Pinheiros Montanha Mucurici
3 - NOROESTE	7 - PÓLO COLATINA	Colatina Marilândia Itaguaçu Baixo Guandu Pancas Alto Rio Novo Itarana

	8 - NOROESTE I	Vila Pavão Barra de São Francisco Água Doce do Norte Mantenópolis Ecoporanga
	9 - NOROESTE II	Nova Venécia Boa Esperança São Gabriel da Palha Águia Branca São Domingos
4 - SUL	10 - PÓLO CACHOEIRO	Cachoeiro de Itapemirim Vargem Alta Castelo Jerônimo Monteiro Muqui Atilio Vivacqua Mimoso do Sul Apiacá Bom Jesus do Norte São José do Calçado Presidente Kenedy Rio Novo do Sul
	11 - CAPARAÓ	Alegre Guaçu Dores do Rio Preto Ibitirama Divino São Lourenço Lúna Irupi Ibatiba Muniz Freire